

JAMB



JORNAL DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA - DESDE 1952

DEZEMBRO • 2019 • ED. 1411 | ISSN 0004-5233

MEDICINA PARA CAMPEONES

BOLSONARO VETA REVALIDA LIGHT

PÁG. 26

COMUNICADO AO PÚBLICO

A Allergan vem a público informar sobre o recolhimento dos implantes mamários e expansores de tecido texturizados BIOCELL® Natrelle® não utilizados e em estoque nos distribuidores, consultórios ou hospitais.

Esta é uma ação preventiva e voluntária após a divulgação de novas informações de segurança pela agência americana FDA sobre a ocorrência do linfoma BIA-ALCL.

De acordo com sociedades médicas, esta condição é de raríssima incidência e os tratamentos atuais apresentam altas taxas de sucesso.

Não há recomendação de nenhuma autoridade sanitária ou sociedade médica para a retirada ou substituição dos implantes na ausência de sintomas como aumento de volume local, inchaço ou dor. No caso de diagnóstico confirmado, a Allergan oferece suporte financeiro nos termos explicitados no site www.garantianatrelle.com.br.

Os pacientes devem fazer seus exames regulares e comunicar qualquer alteração ao seu médico.

A informação sobre o modelo do implante está disponível no cartão do produto, recebido na ocasião da cirurgia.

Surgeon / Chirurgien / Chirurg / Cirujano / Cirurgião / Chirurg / Kirurg: Clinic / Clinique / Klinik / Clínica / Clínica / Clínica / Klinik / Klinik: Address / Adresse / Anschrift / Indirizzo / Dirección / Morada / Adres / Adress: 		ID card Name/ Nom/ Name/ Nome/ Nombre/ Nome/ Naam/ Namn: Address/ Adresse/ Anschrift/ Indirizzo/ Dirección/ Morada / Adres/ Adress: ALLERGAN, Marlow International Parkway, Marlow, Bucks, SL7 1YL, United Kingdom	
Style: _____ REF: _____ (L) Size: _____ Shape: _____ SN: _____ LOT: _____ Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel [] Saline / Solution saline / NaCl / Soluzione salina / Suero / Solução salina / Zoutoplossing / Koksaltlösning: [] Date of implantation / Date d'implantation / Datum der Implantation / Data dell'implanto / Fecha de implantación / Data de implantação / Datum implantatie / Datum for implantation: _____ / _____ / _____	Style: _____ REF: _____ (R) Size: _____ Shape: _____ SN: _____ LOT: _____ Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel / Gel [] Saline / Solution saline / NaCl / Soluzione salina / Suero / Solução salina / Zoutoplossing / Koksaltlösning: [] Date of implantation / Date d'implantation / Datum der Implantation / Data dell'implanto / Fecha de implantación / Data de implantação / Datum implantatie / Datum for implantation: _____ / _____ / _____		

Atendimento ao paciente:

0800 14 4077 ou 0800 770 7333 de segunda a sexta, das 8h às 18h

Destques

Entrevista • Florentino Cardoso

Depois de ser presidente da federada do Ceará e também da AMB por duas vezes, o cirurgião oncológico agora é conselheiro do CFM, representando a AMB. Na entrevista ele fala dos temas que irá defender em seu mandato.

Pág. 16

Panorâmica • Nova Federada

Os médicos amapaenses agora contam com a Associação Médica Brasileira do Amapá (AMB-AP). Reativada, a entidade renasce e sob a presidência de José Mauro Secco e terá como um dos focos de atuação a defesa de pautas como a valorização profissional.

Pág. 20

Etc • Instrumentos Médicos

É difícil imaginar como seria a atividade médica sem alguns instrumentos, como o termômetro. Muita gente não sabe quantos séculos foram necessários para que o aparelho chegasse à precisão e confiabilidade que os modelos utilizados desde o século 20 têm.

Pág. 36

Etc • Sem Jaleco

Como o cultivo de orquídeas pode ajudar no dia a dia de um médico? As respostas foram dadas pelos cirurgiões plásticos Marcos Crisci e Theodoro Gontijo, que colecionam e cultivam orquídeas premiadas e reconhecidas em exposições pelo país.

Pág. 44

Painel • WMA

A World Medical Association (WMA), que reúne entidades médicas nacionais de mais de cem países e representa 10 milhões de médicos, agora tem um brasileiro no comando. O diretor da AMB, Miguel Jorge, assumiu a presidência durante a assembleia geral da WMA, realizada em outubro, em Tbilisi, na Geórgia.

Pág. 46



DIRETORIA - Gestão 2017 - 2020

PRESIDENTE
Lincoln Lopes Ferreira (MG)

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE
Diogo Leite Sampaio (MT)

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE
Robson Freitas de Moura (BA)

VICE-PRESIDENTES REGIONAIS
José Luiz Dantas Mestrinho - Centro-Oeste (DF)
Arno Buerntner Von Ristow - Sudeste (RJ)
Eduardo Francisco de Assis Braga - Norte (TO)
Mauro Cesar Viana de Oliveira - Nordeste (MA)
Alfredo Floro Cantalice Neto - Sul (RS)

SECRETÁRIO-GERAL
Antônio Jorge Salomão (SP)

1ª SECRETÁRIA
Carmita Helena Najjar Abdo (SP)

1º TESOUREIRO
Miguel Roberto Jorge (SP)

2º TESOUREIRO
José Luiz Bonamigo Filho (SP)

DIRETOR CULTURAL
Fernando Antonio Gomes de Andrade (AL)

DIRETOR DE DEFESA PROFISSIONAL
Carlos Alfredo Lobo Jasmin (RJ)

DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Eduardo Nagib Gai (RJ)

DIRETOR CIENTÍFICO
Antonio Carlos Palandri Chagas (SP)

DIRETORA ACADÊMICA
Maria José Martins Maldonado (MS)

DIRETOR DE ATENDIMENTO AO ASSOCIADO
Marcio Silva Fortini (MG)

DIRETORA DE ASSUNTOS PARLAMENTARES
Débora Eugénia Braga Nóbrega Cavalcanti (PB)

SEDE
Rua São Carlos do Pinhal, 324
01333-903 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3178-6800
E-mail: jamb@amb.org.br
www.amb.org.br

Os anúncios e opiniões publicados no Jamb são de inteira responsabilidade de seus anunciantes e autores. A AMB e a Timbro Comunicação não se responsabilizam pelo seu conteúdo.



Tiragem Auditada pela BDO
Relatório da Auditoria em poder da Administração



EXPEDIENTE JAMB

DIRETOR RESPONSÁVEL
Diogo Leite Sampaio

EDITOR / JORNALISTA RESPONSÁVEL
César Teixeira - Mtb: 12315

PUBLISHER
Rodrigo Aguiar

CONSELHO EDITORIAL
Antônio Jorge Salomão
Carmita Abdo
Diogo Leite Sampaio
José Luiz Bonamigo Filho
Lincoln Lopes Ferreira
Miguel Roberto Jorge
Robson Moura

TIMBRO COMUNICAÇÃO
EDITOR-EXECUTIVO
Rodrigo Aguiar

CHEFE DE REDAÇÃO
Celina Maria Morosino Lopes
REPORTERES ESPECIAIS
Gabriela Costa
Helvânia Ferreira

PRODUÇÃO
Amanda Lira
Lorraine Souza
Maria Fortes
Sabrina Moraes
Thiago Dantas

REVISÃO
Hebe Ester Lucas

PROJETO GRÁFICO E
DIAGRAMAÇÃO
Amanda Sanchez

FOTO DA CAPA
Werther Santana/Estadão Conteúdo

OUVIDORIA
jamb@timbro.com.br

COMERCIAL
Tel. (11) 3253-4542
publicidade.amb@timbro.com.br

ISSN
0004-5233

TIRAGEM
61492 exemplares

IMPRESSÃO
Gráfica Plural

DISTRIBUIÇÃO
Entrega direta
Correios

E 2019 acabou...

A última edição do *Jamb* de 2019 traz um mosaico dos assuntos que foram caros à medicina durante todo o ano. O esforço para acompanhar as decisões políticas mais recentes sobre a saúde e para entregar o conteúdo mais atualizado possível nesta edição durou até momentos antes do fechamento do jornal e reflete bem como 2019 foi desafiador para toda a classe médica.

Nada exigiu mais bravura da AMB e dos médicos brasileiros do que a luta contra o sucateamento dos processos de revalidação de diplomas de medicina expedidos no exterior, tema da nossa reportagem de capa. O texto mostra como deputados e senadores conseguiram orquestrar um grande acordo para articular a inclusão das faculdades particulares na revalidação, mesmo diante de todo o esquema bilionário de compra de vagas denunciado pela AMB em 2019.

O balanço final, entretanto, foi positivo e o ano termina com uma vitória importante para a medicina brasileira: o veto do presidente Jair Bolsonaro a artigos das leis sobre o Médicos pelo Brasil e sobre o Exame Revalida, sancionadas por ele em 19 de dezembro. Os artigos vetados liberavam a participação das faculdades privadas na revalidação e representavam um grande risco à saúde da população.

Leo Martins



Todos os desafios deste ano fortaleceram ainda mais o associativismo médico brasileiro, que alcançou um nível de amadurecimento importante para enfrentar o que está por vir. Prova disso é que temos um brasileiro (e diretor da AMB) ocupando a presidência da Associação Médica Mundial (WMA). Nesta edição do *Jamb*, você vai conhecer a trajetória de Miguel Jorge, os caminhos que o credenciaram a assumir a WMA e os projetos para a gestão à frente da entidade.

Na entrevista, quem ganha voz é Florentino Cardoso, ex-presidente da AMB e escolhido para representar a entidade no Conselho Federal de Medicina (CFM), que empossou a nova diretoria em outubro, tema que também ganha espaço nesta edição. Ele fala sobre temas como defesa do Ato Médico, desafios no CFM, Programa Médicos pelo Brasil, formação médica e telemedicina.

Esta edição do *Jamb* ainda abre espaço para um assunto que mobilizou não só a medicina brasileira este ano, mas tem demandado energia de médicos do mundo todo: a luta contra o cigarro eletrônico. A matéria aborda a subnotificação dos casos de doenças relacionadas ao uso do dispositivo e mostra o esforço da Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB para barrar o avanço da prática no Brasil.

Que venha 2020. Estamos preparados.

Boa leitura!

Diogo Leite Sampaio

Vice-presidente da Associação Médica Brasileira e responsável pela área de comunicação da AMB

Vivemos um momento na saúde brasileira no qual estamos divididos entre duas perspectivas. De um lado, olhamos para frente, para as contribuições que a pesquisa nacional tem dado ao mundo e para aquilo que o associativismo médico pode trazer de contribuição na busca por soluções que atendam às demandas de médicos e pacientes.

Por outro, até pouco tempo ainda travávamos batalhas quase primitivas —que deveriam ter sido solucionadas no século passado— para garantir que premissas básicas, como a obrigatoriedade do diploma para exercer medicina no país, sejam respeitadas.

Em vez de pautarmos debates sobre células-tronco, nanotecnologia, cirurgia robótica ou tantos outros assuntos fascinantes que emergiram nos últimos anos, em 2019 colocamos grande parte da nossa energia em cobrar respostas e atuar no desenvolvimento de um processo de revalidação de diplomas que seja justo, ético e eficiente.

Há tempos isso já deveria ser visto por todos os agentes como requisito mínimo para atestar a qualidade daqueles que se formaram no exterior e querem atuar como médicos no Brasil. A realidade, contudo, se mostrou diferente. Por isso, nos últimos meses, nos dedicamos a reunir informações para jogar luz sobre um esquema de corrupção bilionário envolvendo escolas médicas.

Essa é mais uma daquelas notícias que médico nenhum gostaria de dar, mas chamamos a responsabilidade e mantivemos uma postura firme para denunciar as fraudes envolvendo transferências de alunos vindos do exterior e cursos de complementação em faculdades particulares de medicina no Brasil.

Monica Assan



Temos nos debruçado sobre esse assunto com a clareza de que, se não agirmos agora, a conta certamente vai chegar para o paciente amanhã. Os prejuízos, no mínimo, podem ser financeiros: médicos mal formados são mais inseguros e menos assertivos nas prescrições, fatores que impactam no tempo de internação e na quantidade de procedimentos realizados. Ou seja, maus médicos custam mais e sobrecarregam o sistema de saúde como um todo.

As cifras, entretanto, se tornam secundárias quando refletimos sobre os riscos que correm os pacientes tratados por médicos sem a capacidade técnica adequada, que vão do diagnóstico equivocado até a morte.

Trabalhar por processos de avaliação sérios para egressos de universidades nacionais e estrangeiras, como a AMB tem feito, é um compromisso com o cidadão e uma forma de tratar a saúde de forma responsável, como deve ser. Estamos comprometidos com as demandas atuais do médico brasileiro e esperançosos de que, em breve, possamos concentrar nossos esforços em pautas menos arcaicas e mais condizentes com o futuro.

Lincoln Lopes Ferreira

Presidente da Associação Médica Brasileira

A saúde nas mãos do Congresso

Elaborada pela CAP das entidades médicas, a Agenda Parlamentar da Saúde Responsável foi entregue no Congresso Nacional com 172 projetos de interesse da medicina

POR JORGE GUTIÉRREZ

“Nós queremos reforçar o compromisso desta Casa (Congresso) e da nossa Frente Parlamentar da Medicina com a defesa dos interesses da saúde pública do país, da medicina e das boas práticas”, disse Hiran Gonçalves (PP-RR), presidente da FPMed na entrega da Agenda Parlamentar da Saúde Responsável ao Congresso Nacional, em 14 de agosto deste ano. A agenda foi elaborada pela Comissão de Assuntos Políticos (CAP) das entidades médicas e relacionou 172 projetos que tramitam na Câmara e no Senado. Além de detalhes de cada projeto, a publicação traz a visão e a posição da classe médica sobre os temas, importante sinalização para que os congressistas possam embasar suas decisões.

Lincoln Ferreira, presidente da AMB, destacou a importância da relação entre as entidades médicas e o Parlamento. “A AMB considera esse evento um dos mais importantes para a classe médica. A construção desta agenda é resultado de um esforço conjunto das CAPs das entidades médicas, consolidando as propostas e apresentando o ponto de vista da medicina sobre o direcionamento desses projetos que poderão impactar a saúde brasileira. Certamente, ali constam os projetos que irão pautar a saúde e a medicina de nosso país nos próximos meses e anos aqui no Congresso.”

Para Napoleão Puente de Salles, assessor parlamentar da AMB, a agenda é uma iniciativa que se consolidou como de grande importância dentro da estratégia de

relacionamento entre as duas casas legislativas federais. “Ela já se tornou um referencial para os congressistas sobre a visão da classe médica acerca de cada um dos 172 projetos de interesse. Também é uma bússola para as entidades médicas que norteia nossos esforços no Congresso. Mesmo projetos aparentemente de pouca importância impactam o trabalho do médico lá na ponta, no posto de saúde, nos rincões do Brasil”, explica.

“É a quarta edição da agenda destinada a parlamentares e entidades. Foram impressas três mil no total, em formato de livro. E vem atualizada sem os projetos que foram aprovados ou que foram retirados, desde a sua última edição, em 2017”, explica o então coordenador da CAP das entidades médicas, Alceu Pimentel.

Débora Cavalcanti, diretora de Assuntos Parlamentares da AMB, diz que “a Agenda oferece aos parlamentares a possibilidade de aprimorarem seus projetos ou de apresentarem no futuro outros projetos de interesse da sociedade nas áreas da saúde e da medicina”.

Além da AMB e do Conselho Federal de Medicina (CFM), estavam no evento: Federação Nacional dos Médicos (Fenam), Federação Médica Brasileira (FMB), Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas (Ablam), Associação dos Estudantes de Medicina do Brasil (Aemed-BR) e outros representantes das CAPs das entidades médicas.

O presidente da AMB, Lincoln Ferreira, fala da relação entre as entidades médicas e o Congresso para a construção de uma saúde e uma medicina melhores para o Brasil.



Bernie Mendonça

Patologistas em fuga do SUS

Defasagem na tabela do SUS para procedimentos anatomopatológicos tem afastado laboratórios particulares e criado uma longa espera no sistema público para liberar o diagnóstico de doenças como o câncer

POR GABRIELA COSTA

Imagine esperar quatro meses pelo resultado da biópsia de um rim e receber o órgão de volta, em uma garrafa plástica, sem o diagnóstico. Foi o que aconteceu há alguns meses com um paciente de Nova Friburgo (RJ). A história pode parecer bizarra, mas é



Rim foi devolvido ao paciente em uma garrafa plástica.

Maristher Fukuda/Arquivo pessoal

Sistema Único de Saúde (SUS) com suspeita de câncer a realização de biópsia em até 30 dias, promete amenizar a angústia dos pacientes. Mas não resolve a raiz do problema, que está na defasagem da tabela do SUS. De acordo com a Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), os valores pagos pelo Ministério da Saúde por procedimento têm feito com que os laboratórios privados abandonem a rede pública, o que está sobrecarregando o sistema.

“O valor pago por uma biópsia, por exemplo, é de R\$ 24. Isso está longe de cobrir os custos do procedimento, que

RGATimbro



Renato de Moraes e Denis Kobayashi, da SBP, após reunião com o presidente Lincoln Ferreira, da AMB, na sede da entidade.

envolve recepção do paciente, cadastro, macroscopia, corte, coloração e interpretação das lâminas por um médico patologista. Para que a remuneração fosse satisfatória, o valor pago pelo SUS deveria ser de, pelo menos, R\$ 69”, explica Renato de Moraes Júnior, vice-presidente da SBP para assuntos profissionais.

Atualmente, há entre 750 e mil laboratórios anatomopatológicos privados no Brasil, segundo a SBP. A entidade estima que metade deles já não atende mais o SUS, panorama que vem piorando sensivelmente nos últimos anos em função da má remuneração e sobrecarregando os cerca de cem laboratórios públicos existentes no país.

DEFASAGEM

A tabela do SUS para os procedimentos de patologia não é atualizada há 11 anos. De lá para cá, a tabela estagnou e não acompanhou a evolução dos custos, que subiram significativamente. E esse gasto pesa: todas as etapas da rotina de exames anatomopatológicos são realizadas por técnicos treinados e sem automação. Assim, a mão de obra representa 75% dos gastos totais de um laboratório.

O Tribunal de Contas da União (TCU) pediu, recentemente, que o Ministério da Saúde apresente um plano de ação para avaliar a discrepância entre os valores pagos pelo SUS e os custos efetivos da realização dos exames necessários para o diagnóstico do câncer, como a SBP tem solicitado desde 2017. Até agora, a entidade compartilha a espera com os pacientes e aguarda o agendamento de uma audiência para debater o assunto, ainda sem previsão.

POR RODRIGO AGUIAR COM COLABORAÇÃO GABRIELA COSTA

01 DO PARLAMENTO PARA O DELIBERATIVO

“Eu me coloco à disposição para unirmos nossas forças e sempre estar ao lado da medicina, com muita responsabilidade pelo nosso país”, disse a médica e deputada federal por Rondônia, Mariana Carvalho, que integra a Frente Parlamentar da Medicina (FPMed), durante reunião do Conselho Deliberativo da AMB, realizado em setembro, no Rio de Janeiro.



RGA/Timbro

02 “ME FORMEI! E AGORA?”

Foi esta a pergunta que Juracy Barbosa, membro titular da Comissão do Médico Jovem da AMB, buscou responder em uma palestra para uma centena de alunos da Faculdade de Medicina da USP.

E deixou um recado aos estudantes: “Para não ter surpresas na carreira e se diferenciar, é importante buscar mais que formação técnica e investir em conhecimento sobre marketing, gestão e até contabilidade”.



Arquivo Pessoal

03 JET LAG

Problemas e soluções em viagens aéreas prolongadas foi o tema da aula dada pelo diretor da AMB, José Bonamigo, em Calcutá, Índia. O congresso, realizado em setembro pelo Colégio Americano de Clínica Médica, do qual Bonamigo é o governador no Brasil, reuniu palestrantes da América do Sul, do Japão e dos Estados Unidos.

Em tempo: de ponta a ponta, a viagem de ida para a Índia durou mais de 20 horas. A volta, idem. Mas o palestrante passa bem.



Arquivo Pessoal

04 ANESTESIA SEGURA

A capital de Mato Grosso recebeu em agosto a 50ª Jornada de Anestesiologia do Brasil Central (JABC). Tradicional no calendário da especialidade, o evento contou com a presença do presidente da AMB, Lincoln Ferreira, na abertura.

A jornada, organizada pela Sociedade Matogrossense de Anestesiologia (Soma), foi marcada por uma série de debates sobre anestesia segura, round table pré-evento sobre anestesia para queimados, workshop sobre gestão hospitalar e espaço para apresentação de trabalhos científicos de temas livres.



RGA/Timbro

05 AMES DE CASA NOVA

A sede da Associação Médica do Espírito Santo (Ames) passou por uma grande reforma. Além da fachada repaginada, ganhou uma nova recepção e um auditório amplo, com capacidade para até 60 pessoas, batizado de Luiz Buaiz, um dos grandes médicos do estado.

Também foi construído um estacionamento para os visitantes. A reforma é mais um atrativo para os associados da entidade presidida por Leonardo Lessa.



Ames

06 ATUAÇÃO RECONHECIDA

Os 52 anos de dedicação à medicina e aos pacientes renderam homenagens ao secretário-geral da AMB, Antônio Jorge Salomão. O médico, especialista em ginecologia e obstetrícia, foi condecorado durante o jantar de comemoração do Dia do Médico do Hospital Sírio-Libanês. Ética, comprometimento e responsabilidade pautam o trabalho do profissional que compõe, há quase 30 anos, o corpo clínico da instituição.



Sírio Libanês

07 CONGRESSO MUNDIAL DE PSIQUIATRIA

Os participantes do 19º Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado em agosto, em Lisboa (Portugal), puderam ouvir as experiências de dois diretores da AMB: Carmita Abdo, primeira secretária, e Miguel Jorge, tesoureiro. Carmita, que também é presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), palestrou e foi moderadora de painel.

Miguel Jorge apresentou temas sobre comorbidade, relação médico-paciente e ética em pesquisa. Também participou da reunião da diretoria da Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) como presidente eleito da Associação Médica Mundial (WMA). O objetivo foi estabelecer possíveis parcerias entre as instituições para futuras ações, como o combate à Síndrome de Burnout entre médicos.



Arquivo Pessoal

Arquivo Pessoal

08

RGATimbro



LICENÇA POÉTICA

As discussões científicas deram lugar a leituras, poemas e prosas. A AMB recebeu, em agosto, a Jornada Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e da XV Jornada Médico-Literária Paulista, organizadas pela Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames).

Dezenas de participantes compartilharam suas produções literárias com os colegas, em um ambiente colaborativo e de fomento à cultura. Ao todo, foram mais de cem obras recitadas.

09 CELEBRAÇÃO NA FBG

A Federação Brasileira de Gastroenterologia (FBG) comemorou os 70 anos de fundação em outubro. O evento, realizado em São Paulo, celebrou a história de apoio ao desenvolvimento e à ampliação do conhecimento científico sobre a especialidade que marca a trajetória da FBG. Lincoln Ferreira participou do jantar, que reuniu membros da diretoria da entidade e médicos de todo o país, e conduziu uma conferência sobre tecnologia na saúde.



FBG

10 EXPERIÊNCIA RECONHECIDA

O cirurgião Antonio Luiz Macedo (à direita) recebeu a Medalha de Mérito em Clínica Médica pela atuação decisiva em favor da valorização da especialidade no Brasil. O vice-presidente da AMB, Diogo Sampaio, e o diretor José Bonamigo também foram agraciados. A honraria é concedida pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica (SBCM) e foi entregue pelo presidente da entidade, Antonio Carlos Lopes (à esquerda).



RGATimbro

11 DESTAQUE DA CARDIOLOGIA

SBC



Na foto, Chagas está ao lado de Jadelson Pinheiro de Andrade, membro da Academia de Medicina da Bahia, superintendente e diretor de cardiologia do Hospital da Bahia (HBA).

Pela dedicação ao desenvolvimento da Sociedade Brasileira de Cardiologia e à evolução da especialidade, o diretor científico da AMB, Antonio Carlos Palandri Chagas, foi condecorado com o Prêmio Mérito SBC – Contribuição Associativa, no 74º Congresso Brasileiro de Cardiologia. O evento da SBC é o maior encontro da cardiologia latino-americana.

Mais de 2.500 pessoas se reuniram em Belém (PA) para o maior evento científico da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI). O Infecto 2019 colocou à disposição dos participantes uma extensa programação sobre doenças infecciosas, com palestras, cursos de atualização e treinamentos em áreas específicas, como Aids, Zika, Chikungunya e Malária. O presidente da AMB, Lincoln Ferreira, esteve presente no evento a convite do presidente da SBI, Sérgio Cimerman.



12 INFECTO 2019

13

ENERGIA LIMPA



A Associação Médica de Mato Grosso do Sul (AMMS) inaugurou, em novembro, uma Usina Solar Fotovoltaica na sede, em Campo Grande. O equipamento possui 180 placas de captação solar e vai gerar 7.000 kWh por mês, tornando a AMMS autossuficiente em geração de energia. A presidente da entidade, Maria José Martins Maldonado, explicou que a iniciativa vai melhorar a gestão financeira da entidade e ajudar o meio ambiente.

14

SBCM EM FESTA

Prestigiado por quase seis mil participantes, o 15º Congresso Brasileiro de Clínica Médica, realizado pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica (SBCM), em Santa Catarina, teve uma rica programação científica. No evento, foram comemorados os 30 anos de fundação da SBCM e também as três décadas de criação da especialidade de Clínica Médica no Brasil. Recebido por Antonio Carlos Lopes, presidente da SBCM, Lincoln Ferreira partilhou desse momento de aprendizado e comemoração!



Mauro Ribeiro, no seu primeiro discurso como presidente do CFM, durante evento de posse



CFM tem novo corpo de conselheiros

POR RODRIGO AGUIAR

Tomaram posse para os cargos de conselheiro efetivo e suplente do Conselho Federal de Medicina (CFM) 56 médicos de todo o país. As eleições ocorreram em agosto, em todos os dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, em um colégio eleitoral de mais de 415 mil eleitores. Os pleitos foram conduzidos pelos conselhos regionais de medicina, por meio de votação presencial, por correspondência ou com ambas as modalidades.

A nova plenária, com os 27 conselheiros efetivos eleitos e o indicado pela AMB, escolheu os 11 membros da nova diretoria do CFM. A votação foi aberta, entre os novos conselheiros, logo após a posse, em Brasília. Os mandatos vão até setembro de 2024.

Para a presidência do CFM foi eleito Mauro Ribeiro, representando os médicos do estado do Mato Grosso do Sul. Ele é cirurgião-geral, formado pela Faculdade de Medicina de Petrópolis (RJ) e fez residência em cirurgia geral no Hospital Souza Aguiar (RJ), além de ter cursado pós-graduação no Hospital Monte Sinai, em Nova Iorque (EUA).

Ex-presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Mato Grosso do Sul (CRM-MS) de 2005 a

2007, Mauro ocupou o cargo de 1º vice-presidente do CFM na gestão anterior, entre 2014 e 2019, quando também coordenou o Departamento de Comissões e Câmaras Técnicas. Ao tomar posse, prometeu: *“Investiremos mais em fiscalização, em comunicação e na abertura de espaços políticos no Congresso Nacional, sempre em prol de pautas da categoria médica”*.

Mauro também ressaltou a importância da união de forças entre as entidades médicas, quando lembrou que *“a crise na medicina brasileira é tão grave que, neste momento, temos de nos despir de nossas vaidades, sentarmos juntos e fazermos realmente algo que faça a diferença”*.

“Tenho certeza de que a nova plenária do CFM, assim como a diretoria, capitaneada pelo meu amigo Mauro, formará fileiras para defender a medicina brasileira e a saúde da população, juntamente com a AMB e demais entidades médicas. Mauro exerceu por longos períodos a presidência do CFM na última gestão e sempre se mostrou extremamente capaz e dedicado. Juntos, podemos muito mais”, disse Diogo Sampaio, sobre as perspectivas de atuação conjunta nos próximos anos.

O presidente da AMB, que vem atuando sistematicamente em parceria com o CFM, desde a gestão anterior, também saudou “*todos os colegas eleitos para o Conselho Federal de Medicina*” e desejou boa sorte nesta caminhada que iniciam: “*Creio que seja do conhecimento de todos os ataques à medicina e o que os médicos brasileiros vêm sofrendo nos últimos anos, além dos desafios da nossa profissão em um mundo com tantas transformações e novas demandas. Esperamos que a AMB e o CFM possam trilhar de forma conjunta os caminhos corretos para entregar à sociedade e aos médicos o que ambicionam. Para isso, contamos com todos os conselheiros*”.

Lincoln também lembrou os conselheiros que representaram a AMB no CFM (gestão encerrada em setembro de 2019): “*Aproveito para agradecer o empenho e a dedicação dos colegas Aldemir Soares e Newton Monteiro de Barros, que nos últimos cinco anos representaram a AMB na plenária do CFM*”.

REPRESENTANTES DA AMB NO CFM

Diretor da AMB desde 2011 e ex-presidente da Associação Nacional dos Médicos Estudantes (ANMR), José Bonamigo é especialista em hematologia, hemoterapia e em clínica médica, além de ter MBA em Gestão da Saúde pela FIA. Também é governador do Capítulo Brasileiro do American College of Physicians, membro do Comitê de Finanças e Planejamento e do Comitê de Assuntos Médico-Sociais da World Medical Association (WMA).

“*Desde muito novo tive oportunidade de me relacionar e respeitar o CFM. Quando fui presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes (ANMR) trabalhamos em conjunto de forma decisiva. Agora, nesses últimos oito anos que estou como diretor da AMB, as coisas andaram de forma similar. Fazer parte do Conselho neste momento tão importante para a vida dos médicos é motivo de muito orgulho*”, avaliou Bonamigo.



Durante evento solene, na sede da Associação Médica de Brasília (AMBr), Mauro Ribeiro com presidentes de sociedades de especialidade e com Lincoln Ferreira, da AMB



Bonamigo e Florentino, sendo empossados como conselheiros federais no CFM, representando a AMB

Florentino é cirurgião oncológico e ex-presidente da AMB por dois mandatos, assim como da Associação Médica Cearense. É especialista em Economia da Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (Uece) e foi superintendente dos hospitais universitários da Universidade Federal do Ceará por 15 anos.

A homologação dos conselheiros ocorreu na plenária realizada em setembro. Ao todo, 69 chapas disputaram os votos dos médicos brasileiros para representá-los no CFM. Em alguns estados, houve maior disputa. Em São Paulo, por exemplo, foram dez chapas. O Rio de Janeiro teve oito chapas e o Espírito Santo, quatro. Em sete CRMs houve apenas uma chapa. Dentre os 54 eleitos, 37 não estavam na gestão encerrada em 30 de setembro.

DIRETORIA

PRESIDENTE: Mauro Luiz de Britto Ribeiro – Mato Grosso do Sul
 1º VICE-PRESIDENTE: Donizetti D. Giamberardino Filho – Paraná
 2º VICE-PRESIDENTE: Alexandre de M. Rodrigues – Minas Gerais
 3º VICE-PRESIDENTE: Emmanuel Fortes S. Cavalcanti – Alagoas
 SECRETÁRIA-GERAL: Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro – Acre
 1º SECRETÁRIO: Hideraldo Luís Souza Cabeça – Pará
 2º SECRETÁRIA: Tatiana B. de A. D. Giustina – Rio Grande do Sul
 TESOUREIRO: José Hiran da Silva Gallo – Rondônia
 2º TESOUREIRO: Salomão Rodrigues Filho – Goiás
 CORREGEDOR: José Albertino Souza – Ceará
 VICE-CORREGEDORA: Helena M. Carneiro Leão – Pernambuco

CONSELHEIROS EFETIVOS

Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro – Acre
 Emmanuel Fortes Silveira Cavalcanti – Alagoas
 Maria Teresa Renó Gonçalves – Amapá
 Ademar Carlos Augusto – Amazonas
 Júlio Cesar Vieira Braga – Bahia
 José Albertino Souza – Ceará
 Rosylane Nascimento das Mercês Rocha – Distrito Federal
 Carlos Magno Pretti Dalapicola – Espírito Santo
 Salomão Rodrigues Filho – Goiás
 Abdon José Murad Neto – Maranhão
 Natasha Shessarenko Fraife Barreto – Mato Grosso
 Mauro Luiz de Britto Ribeiro – Mato Grosso do Sul
 Alexandre de Menezes Rodrigues – Minas Gerais
 Hideraldo Luís Souza Cabeça – Pará
 Adriano Sergio Freire Meira – Paraíba
 Donizetti Dimer Giamberardino Filho – Paraná
 Helena Maria Carneiro Leão – Pernambuco
 Yáscara Pinheiro Lages Pinto – Piauí
 Raphael Câmara Medeiros Parente – Rio de Janeiro
 Jeancarlo Fernandes Cavalcante – Rio Grande do Norte
 Tatiana Bragança de Azevedo Della Giustina – Rio Grande do Sul
 José Hiran da Silva Gallo – Rondônia
 Domingos Sávio Matos Dantas – Roraima
 Anastácio Kotzias Neto – Santa Catarina
 Christina Hajaj Gonzalez – São Paulo
 Ricardo Scandian de Melo – Sergipe
 Estevam Rivello Alves – Tocantins
 Florentino Cardoso – Representante da AMB

CONSELHEIROS SUPLENTE

Jene Greyce Oliveira da Cruz – Acre
 Alceu José Peixoto Pimentel – Alagoas
 Nivaldo Amaral de Souza – Amazonas
 Marco Tulio Muniz Franco – Amapá
 Maíra Pereira Dantas – Bahia
 Régia Maria do Socorro Vidal do Patrocínio – Ceará
 Sérgio Tamura – Distrito Federal
 Jailson Luiz Tótola – Espírito Santo
 Leonardo Emílio da Silva – Goiás
 Nailton Jorge Ferreira Lyra – Maranhão
 Max Wagner de Lima – Mato Grosso
 Flávio Freitas Barbosa – Mato Grosso do Sul
 Maria Inês de Miranda Lima – Minas Gerais
 Edson Yuzur Yasojima – Pará
 Annelise Mota de Alencar Meneguesso – Paraíba
 Alcindo Cerci Neto – Paraná
 André Soares Dubeux – Pernambuco
 José Avelar Dantas – Piauí
 Luis Guilherme Teixeira Dos Santos – Rio de Janeiro
 Marcos Lima de Freitas – Rio Grande do Norte
 Armando Bocchi Barlem – Rio Grande do Sul
 Cleiton Cássio Bach – Rondônia
 Nazareno Bertino Vasconcelos Barreto – Roraima
 Graziela Schmitz Bonin – Santa Catarina
 Irene Abramovich – São Paulo
 Venancio Gumes Lopes – Sergipe
 Tomé Cesar Rabelo – Tocantins
 José Luiz Bonamigo Filho – AMB

Veja no QRCode abaixo o perfil de todos os conselheiros.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.lead.me/bbLemx>

ENTREVISTA:

Florentino Cardoso vai representar a AMB no CFM

POR THIAGO DANTAS E JORGE GUTIÉRREZ

Especialista em cirurgia oncológica e com a experiência de quem foi eleito e reeleito para a presidência da AMB (2011 e 2014), de ter presidido a Associação Médica Cearense por dois mandatos e a Confederação Médica Latino-Ibero-Americana e do Caribe (Confemel) entre 2017 e 2018, Florentino Cardoso vai representar a Associação Médica Brasileira no Conselho Federal de Medicina (CFM). O mandato começou em 1º de outubro, com término previsto em setembro de 2024.

Com opiniões firmes sobre vários temas de interesse da medicina, dos médicos e da saúde, ele concedeu entrevista exclusiva para o *Jamb*, em que fala sobre os desafios no CFM, o Programa Médicos pelo Brasil, a defesa do Ato Médico, a formação médica e a telemedicina.

O QUE O SENHOR ESPERA COMO REPRESENTANTE DA AMB NO NOVO CFM?

Florentino Cardoso (FC): Observamos com muita felicidade uma aproximação maior entre todas as entidades médicas. Essa aproximação do CFM com a AMB é muito importante para a saúde, para a medicina e para a vida do médico. Nós sabemos que unidos somos muito fortes. Cada uma das entidades médicas tem seu papel bem definido no campo de atuação. Estamos imbuídos num mesmo projeto, num mesmo pensamento e na mesma direção para sairmos todos fortalecidos.

COMO O SENHOR VIU O RESULTADO DAS ELEIÇÕES DO CFM?

FC: O resultado mostra uma renovação grande, se considerarmos que em alguns estados não houve disputas. A primeira consideração que se faz é que os tempos mudaram, as coisas evoluíram e é muito adequado que o CFM se aproxime cada vez mais do médico, oferecendo oportunidades para que todos eles participem das ações do CFM, inclusive dos processos eleitorais do CRM e do CFM.

“ Quer trabalhar no Brasil?
Revalide o diploma de maneira
adequada e aí trabalhe em
nosso país. ”



Foto: Leo Martins

PARA O SENHOR, QUE DESAFIOS O NOVO CFM TERÁ?

FC: A gente gostaria muito que a pauta dos temas mais importantes relacionados à vida do médico, ao exercício da medicina e à saúde de forma geral fosse preponderante.

A formação médica, por exemplo, é para nós um grande desafio. Nós, médicos, devemos estar bem formados, assim como devemos ter uma educação médica continuada, estar sempre estudando.

Médico bem formado significa dizer que, ao concluir o curso, ele deve estar adequadamente capacitado para exercer algumas funções. Isso é muito importante, dada a enxurrada de escolas médicas abertas nos últimos anos, muitas delas sem critérios e, às vezes, algumas em que a qualidade do produto — que é o médico formado — não é boa.

O QUE PODE SER FEITO PARA EVITAR QUE ESSE MÉDICO MAL FORMADO COLOQUE EM RISCO A SAÚDE DA POPULAÇÃO?

FC: Defendemos que o médico formado no Brasil precisa ser avaliado antes de começar a atender a população. E a nossa defesa é que ele seja avaliado durante o curso de maneira sequenciada. Ele (aluno) faria uma prova após o segundo ano e somente iria adiante se tivesse aprovação nessa avaliação. No ciclo seguinte, que são o terceiro e quarto anos, o chamado Ciclo Clínico, o aluno também faria uma prova e iria para o quinto ano apenas se fosse aprovado. E no final do sexto ano, que é o Ciclo do Internato, faria uma nova avaliação e, somente se fosse bem avaliado, poderia receber o seu registro do Conselho Regional de Medicina.

Além disso, não são só os estudantes que devem ser avaliados. É preciso avaliar também as escolas médicas. Se não tiverem condições de formar um bom médico, que se punam as escolas. Se for o caso, que se fechem as escolas.

EM RELAÇÃO AOS MÉDICOS FORMADOS NO EXTERIOR, O QUE O SENHOR TEM A DIZER SOBRE O EXAME REVALIDA?

FC: Quer trabalhar no Brasil? Revalide o diploma de maneira adequada e aí trabalhe em nosso país. Os médicos formados fora do Brasil, quer sejam brasileiros ou estrangeiros, para trabalhar no país têm de fazer a revalidação de maneira séria, honesta, e não como se vê fazer atualmente por aí, em que pessoas voltam ao Brasil para terminar o curso de maneira inadequada ou para revalidar o diploma de forma irregular. Isso é inadmissível.

O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR A RESIDÊNCIA MÉDICA?

FC: Em relação à residência médica, a bolsa para o residente hoje é muito baixa, o que significa que a carga horária de 60 horas por semana — a carga horária do médico residente — é insuficiente para sobreviver. O residente está de um jeito que não é o mais adequado. Com isso vemos cada vez mais médicos jovens, assim como médicos mais perto da formação, correndo de um emprego para outro, de um trabalho para outro, de um plantão para outro, extremamente estressados, com vários problemas do ponto de vista emocional. Temos visto um crescente número de profissionais de saúde com tendência ao suicídio. Isso nos preocupa muito. Temos que zelar por quem cuida da nossa saúde sempre.

Nós defendemos que o Ministério da Educação se estruture de maneira adequada na diretoria correspondente, uma Secretaria Executiva da Comissão Nacional de Residência Médica, para que chequem

os programas que estão ativos, vejam de que maneira eles estão estruturados, como é que estão formando essas pessoas, assim como para que oportunizem vagas nas áreas mais necessárias em nosso país. E nós, como entidade, junto com as Sociedades de Especialidade, devemos sempre oferecer oportunidades para que o médico também tenha educação médica continuada.

COMO O SENHOR IMAGINA QUE O NOVO CFM PODERÁ ANDAR COM TODAS ESSAS QUESTÕES?

FC: O nosso desejo é que todas as entidades sentem à mesa desarmadas, com argumentação, com dedicação, com conhecimento para desenhar o que é melhor para a vida do médico, para a sua formação, para a medicina, para a sociedade e para a saúde da população brasileira.

O QUE O SENHOR PENSA SOBRE O PROGRAMA MÉDICOS PELO BRASIL, QUE VEIO SUBSTITUIR O MAIS MÉDICOS?

FC: Em 2013, o governo lançou o Mais Médicos, um programa politiquero, eleitoreiro, mal desenhado, sem preocupação alguma com a qualidade ou com a saúde das pessoas. O programa foi criado para ajudar um determinado país. Tivemos uma avalanche de médicos muito preponderante de Cuba.

Não temos nada contra os médicos de Cuba, porém sempre defendemos que qualquer médico formado lá fora, para vir trabalhar no Brasil, precisaria revalidar o diploma. E até hoje se questiona se eram médicos, e se estavam qualificados para atender a população.

Agora, com o programa Médicos pelo Brasil, abre-se uma perspectiva de carreira médica, mas que dá oportunidade aos médicos brasileiros de trabalharem em lugares de difícil acesso, com regime normal de trabalho, com um salário razoável — que pode chegar a um salário muito bom —, que viabiliza que médicos se

desloquem a essas áreas mais distantes. Para que se tenham médicos em todos os municípios brasileiros na quantidade adequada, para que se possa interiorizar o médico pelo país. Nós acreditamos que é possível avançar muito.

“ Quer trabalhar no Brasil? Revalide o diploma de maneira adequada e aí trabalhe em nosso país. Os médicos formados fora do Brasil, quer sejam brasileiros ou estrangeiros, para trabalhar no país têm de fazer a revalidação de maneira séria, honesta, e não como se vê fazer atualmente por aí, em que pessoas voltam ao Brasil para terminar o curso de maneira inadequada ou para revalidar o diploma de forma irregular. Isso é inadmissível. ”

COMO O NOVO CFM DEVERÁ TRATAR A TELEMEDICINA?

FC: Há uma resolução antiga, defasada, arcaica e que está em vigência. Houve uma resolução que foi publicada pelo Conselho Federal de Medicina em fevereiro. Por causa da pressão de várias entidades médicas, ela foi acertadamente revogada. Nós não podemos deixar que grandes grupos econômicos explorem ainda mais o trabalho médico ou perderemos qualidade.

Então, somos a favor de avanços nessa área da saúde digital, possibilitando que, sob segredo, sem perder a qualidade na assistência e respeitando a relação médico-paciente, possamos fazer telemedicina de

uma maneira mais adequada nesse país, e não do jeito que alguns fazem, burlando a legislação vigente. Certamente, temos uma missão importante no novo grupo de conselheiros do Conselho Federal de Medicina, ouvindo todos para rever a resolução que foi revogada, e aprimorando-a.

COMO O SENHOR VÊ A QUESTÃO DA DEFESA DO ATO MÉDICO?

FC: A lei do Ato Médico existe para ser respeitada e obedecida. Temos visto que profissionais de outras áreas estão invadindo o trabalho médico. Não podemos permitir que determinadas categorias não médicas invadam a área dos procedimentos médicos. Porque esses profissionais não são treinados e colocam a vida dos pacientes em risco. Temos de ficar atentos.

GOSTARIA DE DEIXAR UMA MENSAGEM AOS SEUS COLEGAS DELEGADOS DO CFM?

FC: Primeiro, quero dar os parabéns a todos os eleitos, e dizer que as eleições em seus estados acabaram. Que agora os eleitos representam seus estados como um todo. Que devem se unir em busca dos melhores propósitos e ideais para fazer sempre mais e melhor pelo médico, pela medicina e pela saúde das pessoas. Que discutamos de maneira clara, que aprendamos uns com os outros, para que tenhamos uma representatividade melhor, sabendo das nossas atribuições e prerrogativas.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.ead.me/bbLepw>

Um norte para a medicina do Amapá

Reativação da Associação Médica Brasileira do Amapá amplia presença da AMB na região

POR AMANDA LIRA

O Amapá é um dos estados mais jovens do Brasil, criado há 29 anos, e abriga um dos menores contingentes de médicos do país: em 2018, eram 841 profissionais, responsáveis por atender uma população de quase 800 mil habitantes. O número é maior apenas que o de Roraima, que conta com 816 médicos.

Mas quem exerce a medicina no Amapá compartilha com os colegas de outros estados do Norte desafios endêmicos da região: má gestão de recursos públicos, crise migratória, aumento dos casos de doenças transmissíveis, como o sarampo, e ameaças a populações indígenas e ribeirinhas. Essas são apenas algumas barreiras impostas aos profissionais de saúde no exercício da medicina no estado.

É diante desse cenário desafiador que a medicina no Amapá conquista uma grande aliada. Desde julho, os

médicos e a população podem contar com o apoio da Associação Médica Brasileira do Amapá (AMB-AP), que foi reativada. Presidida por José Mauro Secco, a entidade renasce para defender pautas como a valorização e a atualização profissional para os médicos do estado.

O Amapá é o terceiro estado a ter Federada reativada pela AMB, na atual gestão, fato de grande importância simbólica no contexto do associativismo nacional: a AMB agora passa a contar com Federadas nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. *“Trazer os colegas do Amapá para o seio da medicina, da atualização profissional, das discussões científicas e de valorização do médico é, talvez, um dos atos mais importantes da nossa gestão. O Brasil precisa de um esforço de integração nacional para fazer a saúde avançar”,* destaca Lincoln Ferreira, presidente da AMB.



CONHEÇA O PRESIDENTE

Doutor em Ciências pelo departamento de Ginecologia da Universidade Federal de São Paulo, José Mauro Secco é quem tem a responsabilidade de guiar a Associação Médica do Amapá nos primeiros anos depois da reativação. Com título de especialista em Mastologia e Ginecologia, Secco também compõe a diretoria da Sociedade Brasileira de Mastologia.



José Mauro Secco ainda é professor adjunto da Universidade Federal do Amapá e atua como médico ginecologista. Durante sua trajetória, o presidente conquistou diversos reconhecimentos por seus trabalhos. Natural de Gaurama (RS), ganhou o título de Cidadão Amapaense pelo parlamento estadual e de Cidadão de Macapá pela Câmara Municipal.

PRIMEIRO DESAFIO

Logo no primeiro mês de reativação, a Associação Médica do Amapá precisou se posicionar contra uma grave decisão do governo estadual. Em julho deste ano, a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) decidiu realizar uma série de cortes nos salários e de pessoal no quadro de médicos e profissionais da saúde pertencentes ao contrato administrativo.

Ao todo, a Sesa possui 233 médicos contratados, o que representava 40% do total de profissionais disponíveis para atender a população na rede pública. Como o número de profissionais que atuam na região já é baixo, os cortes implicariam um cenário ainda mais crítico de falta de assistência médica.

Para propor formas de lidar com a questão, a AMB-Amapá participou ativamente das negociações com a Sesa. Além disso, a entidade se uniu ao

CRM-AP para criar uma comissão para avaliação do caso. Após ação conjunta da AMB-AP e CRM-AP, com a realização de assembleias e reuniões, não houve o corte de pessoal e os salários estão sendo regularizados. A associação tem defendido que a saúde seja pauta prioritária do estado e que, embora o corte de verbas seja necessário, demitir médicos e profissionais da saúde só agravaria o cenário de falta de assistência atual.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://Lead.me/bbLed6>

Compliance na saúde

Para guiar as sociedades médicas no relacionamento com a indústria e outros agentes do setor, a AMB está elaborando um código de conduta. O documento começou a ser construído em um workshop realizado pela entidade

POR GABRIELA COSTA

Uma palavra que antes era restrita ao meio empresarial e político tem se tornado cada vez mais familiar no universo das entidades médicas: o *compliance*. Seguir ou adotar este conceito significa estar em acordo com normas, controles internos e externos, políticas e diretrizes que regem determinada organização e com os padrões exigidos pelo segmento.

Mas como essa noção pode ser aplicada ao exercício ético e responsável da medicina? As práticas de *compliance* permeiam toda a atividade médica. Elas podem servir de base para orientar decisões como a escolha de um tratamento sem que o médico sofra pressões da indústria e dos prestadores de serviços; ou ajudar a solucionar dilemas éticos que os líderes de entidades médicas enfrentam na relação com outros agentes do setor durante a organização de eventos, diretrizes e até de provas de títulos de especialista.

Nesse contexto, a AMB identificou a necessidade de discutir abertamente os princípios de *compliance* e de ética que podem ser aplicados na relação entre os médicos, as Sociedades de Especialidade e a indústria da saúde. O objetivo é a elaboração de um código claro e transparente para guiar as ações de médicos e dirigentes de associações médicas.

COMPLIANCE NA PRÁTICA

O primeiro passo foi dado: a organização do Workshop de Compliance da AMB, com a participação da Comissão de Sindicância e Ética da entidade, que

também vai contribuir para a criação do código de conduta. O evento foi realizado em 23 de agosto, em São Paulo, com a presença de entidades médicas, representantes de operadoras, de associações de pacientes, de prestadores de serviço e de organizações promotoras da cultura do *compliance*.

“Nosso objetivo foi captar as visões de todos os agentes para dar início à produção de um material mais abrangente, que vai servir de base para que as Sociedades acrescentem as especificidades inerentes a cada especialidade. Assim, teremos um produto final que vai orientar médicos e líderes de entidades, sempre visando como resultado o melhor tratamento para os pacientes”, destaca José Bonamigo, diretor da AMB.

NAS MÃOS DAS SOCIEDADES

A efetivação da cultura do *compliance* passa diretamente pelas sociedades médicas e este não é um assunto novo para elas. Algumas, como a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (Sboc), a Associação Brasileira de Medicina Preventiva e Administração em Saúde (Abrampas) e a Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, já possuem códigos de conduta consolidados (disponíveis na Gaveta do Repórter).

Esses materiais e a expertise das Sociedades no assunto serão utilizados para a construção do código de *compliance* da AMB. *“É fundamental manter relações transparentes com todas as partes, além de implementar boas práticas de governança.*

O código vai orientar o desenvolvimento de políticas e procedimentos que garantam independência e imparcialidade na relação entre as Sociedades e a indústria”, explica Sérgio Simon, então presidente da Sboc.

Sobre o papel das Sociedades na consolidação das práticas de *compliance* na saúde, Bonamigo completa: *“A capilaridade que elas representam é significativa. Boa parte das relações entre médicos, fornecedores, indústria e mesmo entre pares se dá no nível das Sociedades. Por isso é tão importante trazê-las para compartilhar conceitos, polêmicas e experiências úteis para elaborarmos um código de conduta que abranja o necessário para a prática excelente da medicina”.*

COMPLIANCE DEVE SER CULTURAL

Apesar da importância de ter um documento que oriente as Sociedades de Especialidade e demais entidades médicas na relação com os *players* da saúde, a aplicação do conceito de *compliance* não deve ser vista como uma receita a ser seguida de forma igual por todos. É preciso respeitar as particularidades de cada organização para que os padrões deixem de ser vistos como uma obrigação e se tornem valores essenciais.

“Para que seja efetivo, o programa de compliance tem de estar alinhado com a estratégia e os valores da organização e traduzir, em termos de comportamento, aquilo que é esperado. A sensibilização, a capacitação e o treinamento dos líderes são elementos fundamentais na fase de transição para a cultura de integridade. É isso que faz com que o programa não seja de gaveta e tenha efetividade na aplicação”, detalha Paula Oda, coordenadora de Projetos de Práticas Empresariais e Políticas Públicas do Instituto Ethos e palestrante no Workshop de Compliance da AMB.



O Workshop de Compliance da AMB foi o primeiro passo para a construção do código de conduta para orientar as Sociedades



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.ead.me/bbLeuG>

Seleção Nacional

Convênio que cria Prova AMB/Amrigrs permite levar para outros estados a expertise de quase cinco décadas da Federada gaúcha na seleção de candidatos à residência

POR GABRIELA COSTA

O compartilhamento das boas práticas é uma das apostas da AMB para agregar solidez aos projetos nacionais de desenvolvimento da atividade médica e da saúde no Brasil. Para isso, a entidade está sempre atenta às soluções e projetos implementados pelas Federadas que possam servir de inspiração e ser colocados em prática no âmbito nacional. *“Nossas Federadas possuem grande expertise no relacionamento com os médicos e áreas de excelência construídas ao longo dos anos. Levar essas experiências e modelos de atuação para outras Federadas ajuda a construir um associativismo mais dinâmico e permite um aprendizado mais rápido e assertivo. É bom para as entidades e bom para os médicos”,* explica Lincoln Ferreira, presidente da AMB.

Membros da Comissão de Ensino Médico e Pós-Graduação da AMB e Antônio Weston, coordenador do Exame Amrigrs, numa das primeiras reuniões para formação da parceria.



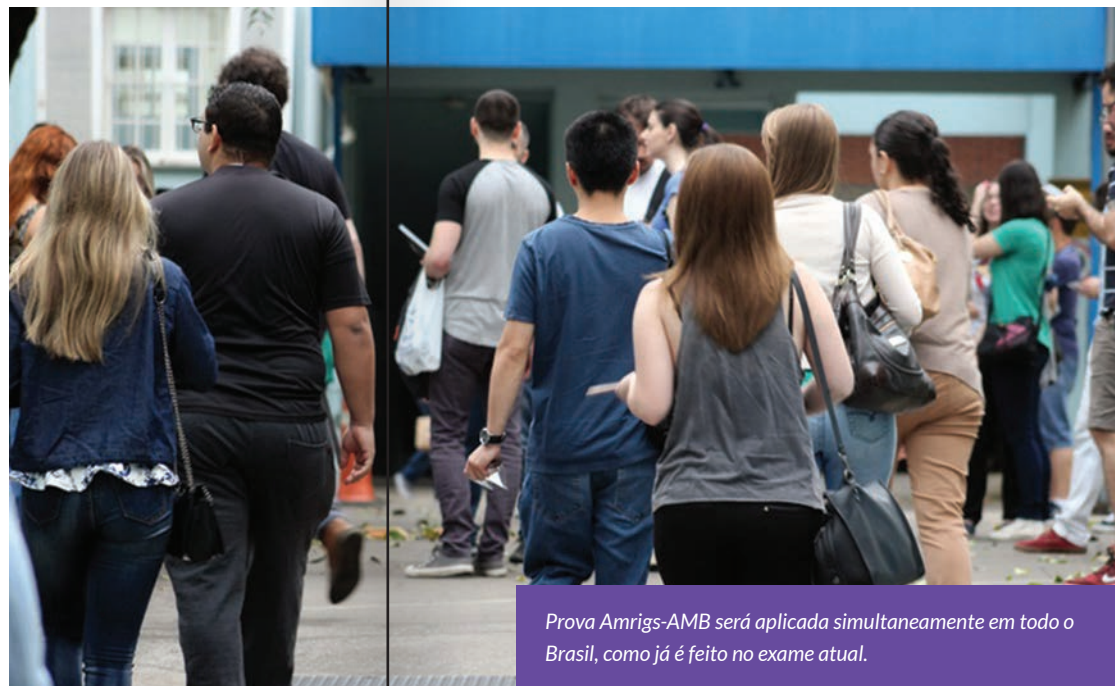
Foto: RCA/Timbro

Um exemplo disso é o Exame Amrigrs, prova da Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigrs) organizada há 48 anos pela Federada gaúcha e que é usada como forma de seleção para candidatos à residência médica. Aplicado há décadas no

Rio Grande do Sul e consolidado como seleção única da grande maioria dos serviços de residência gaúchos, o exame rompeu os limites do estado e, atualmente, é aplicado também em Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. A qualidade do processo foi amadurecida ao longo do tempo e hoje é reconhecida e sedimentada, como destaca Antônio Weston, coordenador do Exame Amrigrs: *“Nos últimos anos, ampliamos a aplicação do teste e digitalizamos todo o processo, o que abre a possibilidade para que candidatos de um estado participem da seleção para outro local. Essa bagagem nos tornou preparados para o desenvolvimento de um projeto de nacionalização do exame junto à AMB”.*

Com convênio firmado entre a AMB e a Amrigrs, a seleção poderá ser levada de forma mais ágil para outros estados brasileiros que ainda não utilizam a prova a fim de selecionar os médicos para as residências. *“Além de ampliarmos um projeto que está dando certo há quase cinco décadas, vamos entregar para as Federadas parceiras um produto que poderá gerar receitas para a entidade, sem necessidade de investimentos expressivos”,* explica Diogo Sampaio, vice-presidente da AMB. *“Com isso também queremos uniformizar o acesso à residência médica no Brasil e medir de forma científica o nível de conhecimento dos egressos das escolas de medicina do país”,* completa Diogo, que preside a Comissão

Foto: Divulgação Amrigrs



Prova Amrigrs-AMB será aplicada simultaneamente em todo o Brasil, como já é feito no exame atual.

de Ensino Médico e Pós-Graduação, responsável pela expansão do projeto da Federada gaúcha.

O lançamento da parceria ocorreu na sede da Amrigrs em 19 de setembro (veja mais no QR Code no final da matéria). O exame passa a se chamar Prova AMB/Amrigrs.

EXPANSÃO APROVADA

Quem já havia aderido ao Exame Amrigrs atesta a qualidade do processo e vê com bons olhos o movimento de nacionalização. Maria José Maldonado, presidente da Associação Médica de Mato Grosso do Sul (AMMS), levou o exame para seu estado há quatro anos: *“Nossa experiência tem sido a melhor possível. Começamos com a adesão de um programa do primeiro ano e, desde então, esse número só cresce. É importante que os presidentes das Federadas assumam um papel de articuladores junto às instituições para dialogar e acompanhar a aplicação das provas e os resultados”,* avalia Maldonado.

RAIO X

Criado em 1971
6 mil candidatos em 2018
Presente em 5 estados (RS, SC, MS, MT, RO)
130 programas de residência integram a prova

A PROVA

A prova da Amrigrs possui um padrão bem consolidado, que será levado para o exame nacional. São 100 questões de múltipla escolha, 20 de cada área do conhecimento, com quatro alternativas. Uma banca permanente, formada por oito professores, se reúne semanalmente para analisar as questões enviadas por professores universitários e especialistas.

A prova segue as normas didáticas e pedagógicas preconizadas pela Associação Brasileira de Ensino Médico (Abem). As questões versam sobre casos clínicos e conceitos clássicos da medicina e os candidatos têm acesso, por meio do edital, às referências bibliográficas utilizadas para construir as questões.

“É um passo importante para a Amrigrs colocar nossa experiência consolidada sobre avaliação de conhecimento médico à disposição e contribuir com a criação desse processo nacional e unificado. Somamos nossa expertise à credibilidade e ao reconhecido valor científico que a AMB possui e temos certeza de que o resultado será extremamente satisfatório para candidatos e programas de residência”, destaca Alfredo Cantalice, presidente da Amrigrs.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://lead.me/bbLehC>

Acabou a BADERNA



A falta de fiscalização dos processos de revalidação no Brasil abre as portas da saúde brasileira para formados no exterior em escolas médicas que sequer são reconhecidas pelos governos locais e operam com estrutura completamente precária e improvisada.

O ano de 2019 poderia ter entrado para a história como o início do fim da medicina no País, mas os vetos do presidente Jair Bolsonaro a trechos da lei do Médicos pelo Brasil e do Revalida evitaram o que seria uma grande baderna no processo de revalidação de diplomas de medicina egressos do exterior.

POR RODRIGO AGUIAR E GABRIELA COSTA

O presidente Jair Bolsonaro ouviu os apelos da classe médica e resolveu o problema criado pelo Congresso Nacional, cujos textos das leis nº 13.958/2019 e nº 13.959/2019 liberavam a entrada de universidades privadas brasileiras no processo de revalidação de diplomas de medicina e acabavam com o Exame Revalida nos moldes em que existe hoje, o que fragilizava o exame e gerava uma série de riscos para a saúde da população. “O presidente da República agiu de forma responsável e corajosa. A classe médica está muito grata a ele. A saúde da população brasileira não pode ser usada

de maneira eleitoreira, como estava sendo feito novamente, de forma idêntica ao que ocorreu no Mais Médicos. O Revalida Light geraria médicos fake e quem usa o SUS é que pagaria a conta, com a própria saúde”, explica Diogo Sampaio, vice-presidente da AMB.

As votações realizadas entre os dias 26 e 27 de novembro, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, com celeridade totalmente inusitada, ignoravam os riscos de flexibilizar de forma irresponsável os processos de revalidação de diplomas médicos egressos

do exterior. Os vetos de Bolsonaro preservaram o exame e sua efetividade para avaliar de forma segura e justa a qualidade da formação dos egressos. Isso garante que somente os que comprovem competências, habilidades e conhecimentos necessários para exercer a medicina possam atuar como médicos no Brasil. A AMB alertou a população brasileira via imprensa, redes sociais da entidade e anúncios de meia página publicados em jornais de grande circulação no país sobre os efeitos catastróficos que os textos aprovados na Câmara e no Senado iriam gerar para a saúde do país. “Também fizemos este alerta ao presidente Bolsonaro, presencialmente, em audiência no Palácio do Planalto, além de ofício enviado em 2 de dezembro. Felizmente, ele cumpriu o compromisso de não permitir que quem não tenha revalidado diploma de forma correta atenda nossa população”, comemora Lincoln Ferreira, presidente da AMB.

Agora sancionadas, as leis voltam ao Parlamento, onde os vetos podem ser derrubados. “O desafio é sensibilizar e pressionar os deputados e senadores para manterem os vetos presidenciais. Estamos trabalhando desde já intensamente para isso”, alerta Diogo Sampaio.

Na Gaveta do Repórter (QR Code ao final da matéria) é possível ter acesso a todas as ações da AMB para evitar a criação do Revalida Light, desde as denúncias sobre as irregularidades apresentadas ao MEC, CGU e Ministério Público.

ESCOLA DE “CAMPEONES”?

É sabido e foi denunciado de forma exaustiva pela AMB e pela mídia brasileira a precária situação do ensino médico praticado nas escolas de medicina abertas recentemente na Bolívia, no Paraguai e na Argentina. Algumas nem são

reconhecidas pelos governos locais, o que impede que os formandos exerçam a medicina nesses países. No entanto, esses mesmos estudantes conseguem atuar no Brasil, por meio de processos de revalidação que ocorrem sem a necessária fiscalização do MEC, que sequer sabe quantos diplomas estrangeiros são revalidados anualmente por meio das universidades públicas.

Caso simbólico é o da escola de medicina da Universidade Privada del Guairá (UPG), que funciona de forma irregular, sem ser reconhecida pelo governo paraguaio. Situada em Pedro Juan Caballero, tem como slogan “Medicina para Campeones”, mas é improvável que alguém que vá ao local consiga acreditar nisso. O campus foi improvisado dentro de um galpão de lata, em uma rua de terra. E os laboratórios ainda não foram montados, apesar de as aulas terem iniciado em outubro de 2017.

Segundo reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, não há nem laboratório de anatomia, estrutura mínima necessária para o ensino médico na fase inicial do curso de medicina. Criadas para atender a demanda dos estudantes que não foram aprovados nos processos seletivos das universidades do Brasil, essas escolas no exterior chegam a ter 90% das turmas formadas por brasileiros. Para atrair esses estudantes, a UPG investe em ações promocionais nas quais os alunos atuais ganham descontos se conseguirem levar conterrâneos para o curso.

Mesmo diante desse quadro assustador, deputados federais e senadores orquestraram um grande acordo para atender aos interesses daqueles que saíram do Brasil e cursaram medicina em faculdades com baixa capacidade de formação. Isso também beneficia faculdades privadas brasileiras, muitas delas integrantes de um esquema bilionário de compra de vagas



na revalidação de diplomas médicos expedidos no exterior, que vem sendo denunciado pela AMB nos últimos meses.

Para isso, inseriram “jabutis” na MPV 890/2019, sobre o Médicos pelo Brasil, e no Projeto de Lei 4.067/2015, sobre o Revalida, aprovados em menos de 24 horas pelas duas casas.

Assim, o MEC, que já não conseguia fiscalizar as universidades públicas que revalidavam diplomas, teria ainda mais dificuldades para fiscalizar também as particulares. “É grande o risco de vermos uma verdadeira farra na revalidação de diplomas de medicina. O MEC não possui controle de nada do que se refere aos estudantes que vêm do exterior por meio de transferências ou depois de formados para revalidar diplomas”, alertou

Presidente da República, Jair Bolsonaro, recebeu Mauro Ribeiro, presidente do CFM e Lincoln Ferreira, presidente da AMB, no Palácio do Planalto, quando ouviu das entidades todos os riscos que a criação de um Revalida Light traria para a medicina brasileira e para a saúde da população

Diogo Sampaio logo após as votações no Congresso, antes dos vetos presidenciais. “Na prática, isso significava o fim do Revalida e legalizava todo o esquema de compra de vagas na revalidação de diplomas denunciado pela AMB. Um atentado à saúde do cidadão, especialmente o mais pobre, que iria ficar nas mãos de quem não comprovou adequadamente habilidade para exercer medicina no Brasil”, concluiu o vice-presidente da AMB.

A votação do Projeto de Lei na Câmara dos Deputados ocorreu depois de um acordo entre os parlamentares para a retirada momentânea de pauta da Medida Provisória 890/2019, que instituiu o programa

Médicos pelo Brasil. Com isso, a regulamentação do Revalida pôde ser avaliada prioritariamente. Mesmo assim, na MPV 890/2019 fizeram constar texto que também garantia a participação das escolas privadas no Revalida.

“Ficou muito claro nesse episódio o peso de interesses eleitores e o poder de persuasão que a indústria do ensino médico tem junto aos legisladores, a ponto de conseguir que o Projeto de Lei fosse votado da forma como foi: a toque de caixa, de maneira improvisada e sem uma discussão detalhada sobre os problemas, as possíveis soluções e os efeitos colaterais de cada uma dessas soluções. De uma hora para a outra, a MPV que trancava a pauta ficou para depois e um Projeto de Lei passa a ser votado. E este PL não é o original, nem o que foi discutido nas comissões em 2017 e 2018, nem os que foram apresentados em 20 de novembro. O PL votado foi sacado do bolso do ex-ministro da Saúde, Ricardo Barros, com um texto cheio de impropriedades e absurdos”, argumenta Lincoln Ferreira, presidente da AMB.

Os “campeones”, formados no exterior em escolas como a de Guará, tradicionalmente não conseguem ser aprovados no Exame Revalida. E seguirão sem poder contar com um Revalida Light se os vetos de Bolsonaro não forem derrubados pelo Congresso Nacional.

DENÚNCIAS DA AMB

Mas por que a inclusão das faculdades privadas no Exame Revalida é tão danosa à saúde brasileira? A resposta está no esquema bilionário envolvendo essas instituições, que utilizam os cursos de complementação para facilitar a revalidação de diplomas de quem estudou medicina no exterior, habilitando para atender a população quem não comprovou conhecimentos e habilidades para exercer a profissão no país.

O processo de revalidação de diplomas é realizado exclusivamente por universidades públicas. E, pela lei, o objetivo dos estudos complementares deveria ser, como o próprio nome diz, complementar conhecimentos específicos da grade curricular brasileira aos aprovados na revalidação.

No entanto, algumas instituições públicas, como a Universidade Federal de Mato Grosso, burlam a legislação, terceirizando, por meio de convênios com faculdades particulares, a oferta de cursos complementares. Funciona assim: empresas intermediadoras, como a Revalide e a Revalmed, atuam junto ao diplomado em medicina no exterior que voltou ao Brasil, mas que foi reprovado nos processos oficiais de revalidação de diplomas e também não obteve a

classificação necessária para ocupar uma das vagas que a UFMT oferece no curso de complementação (criado de forma indevida).

Para conseguir um lugar nas particulares, que ofertam o mesmo curso por meio de convênio com as públicas, é preciso contratar a “consultoria” das empresas intermediadoras, que chegam a cobrar até R\$ 130 mil pela vaga. Depois, esses alunos recebem o registro e são habilitados para exercer medicina no Brasil sem terem passado por nenhum processo efetivo de comprovação de habilidades, já que mesmo reprovados nas provas posteriores aos cursos de complementação podem ser avaliados por suas “habilidades”, o que coloca em risco a população (veja quadro ao lado).



Diogo Sampaio, em entrevista para o Fantástico, da TV Globo, sobre as denúncias da AMB e a Operação Vagatomia da Polícia Federal.

“O esquema transformou a complementação em uma forma independente de revalidação, que permite facilidades não republicanas para quem consegue pagar pelas vagas nesses cursos. Tudo sem regras claras. Sem transparência. E sem regulamentação, nem fiscalização do Ministério da Educação (MEC). Na prática, a complementação está sendo usada como uma nova modalidade para quem não conseguiu ser aprovado em outros processos de revalidação de diplomas”, alerta Diogo Sampaio.

Quem consegue a alocação nos cursos de complementação tem a aprovação praticamente certa, mesmo os que forem reprovados nas avaliações teóricas e práticas da UFMT, após o curso de complementação, pois sempre há novas chances. No final, se o aluno não tiver alcançado nota suficiente nas provas, passará por uma “avaliação de competências”, feita por meio de entrevista, que determinará se ele está apto ou não para receber o diploma, que será emitido pela universidade pública. A própria UFMT, em reunião da qual a AMB participou no Itamaraty, em outubro, admitiu que ninguém é reprovado depois de fazer a complementação.

“NÃO VÃO NOS CALAR”

Dias depois de denunciar um conflito de interesses envolvendo o senador Confúcio Moura, que foi o relator da MPV 890/2019, a AMB foi obrigada a retirar do ar os conteúdos com as evidências, em uma decisão da Justiça de Rondônia. “Um verdadeiro ato de censura”, declarou o vice-presidente da AMB, Diogo Sampaio.

As postagens censuradas mostravam de forma documental a ligação do relator Confúcio com

PASSO A PASSO DO ESQUEMA

1. O estudante se forma em medicina no exterior
2. Volta ao Brasil e é reprovado no Revalida ou em processo específico de alguma universidade
3. Também não atinge nota suficiente para conseguir uma vaga nos cursos de complementação das universidades públicas
4. Tenta uma vaga para complementação nas privadas, mas só consegue o ingresso por meio das intermediadoras
5. Realiza o curso em faculdades que, muitas vezes, nem curso de medicina têm
6. Volta para a universidade pública e faz nova prova
7. Mesmo sendo reprovado nesta prova, ainda pode ter o diploma revalidado, conforme “avaliação de habilidades”, em entrevista
8. Com o diploma nas mãos, consegue o direito de ter registro no CRM e ganha a permissão para atender a população, sem nenhuma garantia de que esteja realmente apto a exercer a medicina

entidades de ensino que atuam de forma irregular no processo de revalidação de diplomas promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso. Essas entidades de ensino recebiam egressos do exterior para complementação de estudos sem que tivessem faculdades de medicina nos locais. “Essa censura é inexplicável e indefensável. Querem abafar as denúncias que a entidade tem feito. Represálias como essas não irão nos intimidar e servem apenas para reafirmar que estamos no caminho certo. Obedecemos à decisão judicial e retiramos os conteúdos dos nossos canais de comunicação, mas iremos recorrer onde for possível para fazer valer nosso direito constitucional à liberdade de expressão”, afirmou Diogo Sampaio.

ESTUDO DE MEDICINA ONDE NEM CURSO HÁ

Algumas das faculdades particulares credenciadas pela UFMT para realizar os cursos de complementação, que estão a mais de 1.500 km de distância, sequer possuem curso de medicina. Nesses locais, o estudo de quem está tentando a revalidação se dá por meio de atuação irregular nos serviços de saúde municipais, via convênios com as prefeituras.



Na reunião do Deliberativo (acima), deputado Zacharias Calil tomou conhecimento das denúncias, apresentadas por Diogo Sampaio. O caos na revalidação também foi denunciado pessoalmente a Arnaldo de Lima Jr (abaixo), que nada fez.



Diogo Sampaio, José Bonamigo e Guilherme Moura, da Sampaio Ferraz Advogados, consultoria Jurídica da AMB, apresentaram as denúncias à Controladoria Geral da União em setembro.



“Na prática, quem ainda não é médico, porque não tem o diploma no Brasil, atua como se fosse. Em troca disso, não recebe remuneração (e paga a mensalidade da faculdade), mas depois de algum tempo, recebe a chancela de que está habilitado para exercer a medicina no país. Nesse processo, não há professores, nem aquisição de novos conhecimentos, muito menos avaliação, porque não existe processo formal para isso”, reforça Diogo Sampaio.

QUALIDADE CAI, RENDA AUMENTA

Considerando os mais de 60 mil brasileiros que estudam em escolas de medicina da Bolívia, do Paraguai e da Argentina, além de outros 60 mil que já se formaram, o esquema de compra de vagas na revalidação criou um mercado de pelo menos R\$ 15 bilhões nos últimos anos, e também está contribuindo para engordar a conta das faculdades privadas.

Além dos valores pagos às empresas intermediadoras, os alunos precisam pagar as mensalidades da instituição na qual frequentarão as aulas durante o período de complementação, por 12 ou 18 meses, conforme performance obtida nos exames iniciais.

Assim, o esquema garante renda extra para as instituições privadas sem que elas tenham que pleitear novas vagas na graduação junto ao Ministério da Educação (MEC).

O Centro Universitário de Caratinga (Unec-MG) é um exemplo: a instituição possui 40 vagas para o curso de medicina e teve aprovadas pela UFMT 100 vagas para complementação de estudos. O resultado são salas superlotadas, assim como os cofres das universidades, e queda significativa na qualidade da formação dos alunos que ingressaram via vestibular.

Atualmente a Unec cumpre penalidade de suspensão temporária de ingresso de novos estudantes no curso de medicina. “Nunca é demais lembrar que médicos mal formados irão sobrecarregar o sistema de saúde, gerando custos desnecessários por conta de condutas equivocadas e riscos à saúde da população mais pobre, que depende do SUS”, relembra Lincoln Ferreira, presidente da AMB.

MEC: ENTRE A INEFICIÊNCIA E O DESCASO

Um dos grandes responsáveis por todo esse caos que tem se tornado a formação e a revalidação médica no Brasil tem nome: Ministério da Educação. A pasta tem sido omissa na fiscalização da qualidade das escolas médicas em funcionamento no Brasil e não foi diligente diante das denúncias na revalidação de diplomas apresentadas pela AMB e pelo Ministério Público. Como nada foi feito, a AMB pediu a demissão do secretário de Educação Superior do MEC, Arnaldo Lima.

Site da Revalmed deixa explícito o esquema, que cria facilidades para a revalidação de diplomas



“As denúncias evidenciam que a pasta já não consegue fiscalizar os processos de revalidação feitos pelas universidades públicas hoje. O MEC sequer sabe quantos egressos do exterior participam dos processos nas universidades públicas e não tem nenhum controle ou registro unificado de quantos diplomas de medicina são revalidados por ano. Como conseguiria fiscalizar se as privadas também pudessem revalidar? Fica difícil acreditar que o Ministério teria capacidade de impedir que maus médicos atendam a população”, questiona Diogo Sampaio.

A despeito da falta de comprometimento do MEC com a formação médica e a qualidade dos processos de revalidação de diplomas no Brasil, a AMB segue atuando para evitar que a distinção no atendimento médico prestado à população seja atenuada ainda mais. “O mercado privado de medicina no país cresce e sabe selecionar muito bem, e quem pode pagar também sabe onde estão os bons médicos. Assim, além de termos dois sistemas de saúde distintos, vamos passar a ter duas modalidades de médicos, para ricos e para pobres. Isso não pode acontecer. Saúde de qualidade tem que ser para todos”, reforça Lincoln Ferreira.

E AGORA, COMO FICA O REVALIDA?

A atuação do Congresso Nacional para atender aos interesses das faculdades particulares quase custou a credibilidade do Exame Revalida, que era feito com grande competência pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), reconhecido também por realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Apenas uma reclamação pesava contra o teste: a frequência, já que a última edição ocorreu em 2017. Segundo o MEC, o custo alto e a judicialização em cada edição eram os grandes problemas. A solução, portanto, era simples. Bastava determinar a realização de duas edições por ano.



Luís Macedo/Câmara dos Deputados

O deputado Ricardo Barros (PP/PR), ex-Ministro da Saúde, de última hora apresentou novo texto para o PL do Revalida, versão piorada e mais prejudicial à saúde do que o apresentado por Alexandre Padilha (PT/SP).

“O Congresso, no entanto, aprovou um Projeto de Lei que acabava com o Revalida, pois inviabilizava que as principais qualidades do exame fossem garantidas. Afrouxaram todas as regras que garantiam os padrões de qualidade e desmoralizaram o exame. O que os parlamentares argumentavam e pediam na tribuna não condizia com o texto que votaram e aprovaram. Transformaram o Revalida em um processo no qual tudo é permitido e em que ninguém fica com a responsabilidade de zelar pela qualidade”, reforça o vice-presidente da AMB.

Com os artigos vetados nas duas leis publicadas no Diário Oficial da União de 19 de dezembro, o Exame Revalida segue preservado. E com a obrigação de ser realizado duas vezes por ano, custeado pelas inscrições dos próprios egressos. Ainda há o risco de o Congresso Nacional derrubar um ou mais vetos feitos pelo presidente.



Deputados, como Alan Rick (DEM/AC), mobilizaram parlamentares para inserir os “jabutis” que viabilizavam o Revalida Light. Iniciou campanha para derrubada dos vetos de Bolsonaro no dia seguinte à publicação das leis no D.O.U.



O ministro da Educação, Abraham Weintraub, e o secretário de Educação Superior, Arnaldo Lima, chamaram coletiva de imprensa dias depois de o Revalida Light ter sido votado no Congresso, apresentando planos para a operação de revalidação, com regras inclusive sobre a participação das privadas. “Infelizmente, o MEC não foi tão veloz para investigar as denúncias como foi para encampar o Revalida Light. Tudo isso sem que os textos vindos do Congresso tivessem sido sancionados pelo presidente Bolsonaro...”, alerta Diogo Sampaio



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.ead.me/bbLSRG>

Tá quente, TÁ FRIO

POR RENATA RED

Medir a temperatura com o termômetro é uma coisa tão simples, tão banal e tão acessível hoje, que é praticamente impossível imaginar o que físicos e médicos tiveram que fazer por séculos até chegar à atual tecnologia dos pequenos aparelhos.

O termômetro doméstico, que por muitos anos mediu a temperatura de acordo com a dilatação do mercúrio em uma escala analógica e agora vem sendo substituído pelos modelos digitais, tem uma história recente, cerca de 80 anos. Mas o projeto dele, um medidor de temperatura corporal feito à base de líquidos, tem quase 400 anos. Até então, a febre era medida pela sensibilidade das mãos e pelos sintomas do paciente: fraqueza, suor, vermelhidão.

Com o fim da Idade Média e da ideia de que doenças estariam associadas a causas divinas e aos pecados, medicina e ciência começaram a avançar por meio do método científico, de experimentos, observações e impressões.

No início do século XVII, a ideia do termômetro passou pela cabeça

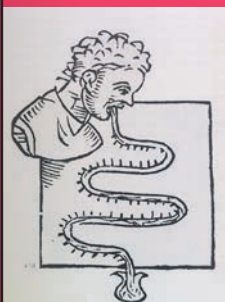
de um médico italiano chamado Santorio, um dos mais proeminentes professores de medicina do país. Santorio passou boa parte de sua vida praticando medicina experimental, realizando medições de todo tipo: de seu próprio peso, dos alimentos e até mesmo da frequência do pulso.

Com base em um princípio da física herdado dos gregos da Antiguidade — quanto mais calor, mais o ar se expande —, Santorio decidiu, em 1611, medir a febre dos seus pacientes, fazendo-os colocar na boca tubos de ensaio com água na base. Rapidamente, o ar se dilatava e deslocava o líquido. Com a ajuda de um pêndulo, ele mediu a distância percorrida pelo líquido no tubo num intervalo de dez tique-taques. E percebeu que dava certo.

Na mesma época, Galileu Galilei havia desenvolvido experimento semelhante: um tubo de vidro com um fino pescoço era mergulhado em um recipiente com água e corante. O bulbo era aquecido, retirando parte do ar que estava dentro, e então o “pescoço” era colocado dentro da água. Assim,



O médico Santorio Santorio foi o primeiro a aplicar a ideia de expansão do ar com o calor para medir a febre dos pacientes.



Os pacientes de Santorio fizeram a experiência colocando na boca tubos de ensaio com água na base. Com o calor, o ar se expandia e deslocava o líquido.

a temperatura do bulbo voltaria ao normal. O ar, que havia se expandido, voltava ao normal e, com isso, a água subia através do tubo, ocupando o espaço até certa altura. No entanto, esse aparelho não era necessariamente um termômetro, e sim um termoscópio. Além de não possuir escalas de medição, ele era usado apenas ao ar livre.

Santorio foi, de fato, o primeiro a usar a ideia para medir a temperatura corporal. Em uma publicação de 1626, ele apresenta vários modelos de termômetros: aparelho introduzido na boca, como era o atual de mercúrio; e outro que media a temperatura ao ser segurado pelas mãos. Um dos projetos do médico chegou a medir a temperatura do coração de um paciente.

O físico alemão Gabriel Daniel Fahrenheit foi o primeiro a criar escalas precisas para as temperaturas. Ele também criou o termômetro à base de mercúrio.



Durante décadas, o termômetro de mercúrio foi o grande parceiro da medicina para medir a temperatura corporal. No entanto, deverá ser aposentado por conta dos perigos da substância.



Termômetros modernos são digitais e muito precisos. Há ainda versões em infravermelho.

EVOLUÇÃO

O termômetro de Santorio tinha um pequeno problema: as medições variavam de acordo com a pressão atmosférica sobre a água. Os resultados não eram os mesmos para quem estava no litoral ou nas montanhas.

Quem resolveu a questão foi o grão-duque da Toscana, Ferdinando II de Médici, em 1654. Ele criou o primeiro termômetro selado contendo álcool, que se dilata mais rapidamente do que a água. Assim, a pressão atmosférica não mais influenciava os resultados.

Vários termômetros foram construídos depois disso, mas faltava a precisão métrica. Não havia uma escala padrão para medir as temperaturas. No início do século XVIII havia pelo menos 35 escalas diferentes, e nenhuma delas com o rigor científico necessário. Foi então que o físico alemão Gabriel Daniel Fahrenheit, que fabricava instrumentos meteorológicos em Amsterdã, decidiu criar o mais preciso dos termômetros. Feito a álcool, o equipamento mediu a temperatura

do gelo (32 graus Fahrenheit, equivalente a zero grau Celsius) e o ponto de ebulição da água (212 graus Fahrenheit, 100 graus Celsius).

Fahrenheit ainda aprimorou seu próprio termômetro: em 1714, ele descobriu que o mercúrio apresentava dilatação mais uniforme que o álcool. Fechou o cilindro a vácuo, eliminando a interferência da pressão atmosférica e do ar.

Era, agora, um medidor quase perfeito. Ainda faltava resolver um detalhe: como fazer a leitura precisa se o mercúrio começava a recuar assim que era retirado da boca ou da axila do paciente? Como fazê-lo “estacionar” na temperatura indicada por tempo suficiente?

O detalhe só foi resolvido em 1852, quando o médico escocês Sir William Aitken colocou um “colar” no tubo, logo na saída do bulbo, como um pequeno enforcamento. Assim, médicos ganharam alguns minutos para avaliar a situação dos pacientes.

OS MODERNOS

Para medir a febre nos dias atuais, são usados dois tipos de termômetros: os digitais e os infravermelhos. Os primeiros possuem um sensor localizado na ponta inferior, que mede a temperatura do corpo quando o bulbo metálico entra em contato com a pele. Ao ocorrer o equilíbrio

térmico, soa um alarme e a temperatura é mostrada no visor. Os infravermelhos, por sua vez, não precisam de contato com o corpo e medem o resultado com mais rapidez. Podem ser usados na testa ou no ouvido. São melhores para medir a temperatura de bebês.



15 JORNADA ESPORTIVA

O pontapé inicial na partida entre Peru e Uruguai, realizada no campo da Associação Médica de Mato Grosso, foi dado pelo presidente da AMB, Lincoln Ferreira, durante visita à sede da Federada, presidida por Aurélio Abdias. Formada por médicos do estado, as seleções fazem parte do campeonato promovido pela AMMT, sempre aos sábados.

O vice-presidente da AMB, Diogo Sampaio, acompanhou a visita, que contou com a apresentação aos diretores da AMB do projeto social com judocas mirins que moram perto da sede da entidade.

A cidade de Goiânia sediou, em novembro, a última reunião do Conselho Deliberativo da AMB em 2019. Esta foi a primeira vez que Goiás recebeu o encontro, que reuniu presidentes das entidades ligadas à AMB (Federadas e de Sociedades de Especialidades). A reunião foi realizada no Órion Business & Health Complex, empreendimento imobiliário viabilizado por meio de parceria da Associação Médica de Goiás (AMG) e uma construtora local.

A parceria gerou como contrapartida para a AMG 42 quartos no hotel criado no local, além de 88 salas comerciais no complexo e participação na receita líquida no shopping. O empreendimento ainda conta com a construção de um hospital de ponta, que será inaugurado em breve. “A ideia é gerar recursos para a entidade e para atrair mais associados”, explica José Umberto, presidente da AMG.

Diogo Sampaio, vice-presidente da AMB, conferiu de perto as obras do empreendimento. Depois, no Deliberativo, apresentou as denúncias que a AMB tem apurado sobre compra de vagas na revalidação de diplomas egressos do exterior.

16 DELIBERATIVO EM GOIÁS



RGA/Timbro



17 TELECONSULTA NO MINISTÉRIO PÚBLICO

Benne Mendonça



A Frente Parlamentar da Medicina (FPMed) e a Comissão de Assuntos Políticos (CAP) das entidades médicas protocolaram no Ministério Público, em Brasília, representação contra os planos de saúde que adotaram teleconsulta. A prática desrespeita a atual resolução do CFM, coloca em risco a saúde dos pacientes e gera insegurança jurídica para os médicos.

O presidente da AMB, Lincoln Ferreira, se reuniu com Augusto Aras, então subprocurador geral da República, que em setembro assumiu o comando da Procuradoria Geral da República. Também participaram da reunião, em agosto, o presidente da FPMed, deputado federal Hiran Gonçalves (PP-RR); e os deputados federais Soraya Manato (PSL-ES), Luiz Antonio Teixeira Junior (PP-RJ) e Zacharias Calil (DEM-GO).

Mais de 1.500 participantes fizeram da segunda edição da Jornada de Psiquiatria de Rondônia um sucesso. Realizado em Porto Velho (RO), o evento contou com 25 conferencistas de diversas regiões do país, em mais de 50 horas de programação.

“Por que todos são curiosos sobre a sexualidade (a sua e a dos outros)?” foi o tema da palestra de Carmita Abdo, diretora da AMB e presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), na jornada, promovida pela Associação Médica de Rondônia (AMB-RO), em parceria com o Núcleo de Psiquiatria de Rondônia (NPR).

18 LOTAÇÃO ESGOTADA

AMB-RO



19 TODOS CONTRA A HEPATITE C

Para fortalecer a campanha contra a hepatite C, o presidente da AMB, Lincoln Ferreira, participou do vídeo institucional da ação promovida pela Sociedade Brasileira de Hepatologia (SBH). Assista ao vídeo completo na Gaveta do Repórter.



ANAMT

20 POSSE NA ANAMT

Os responsáveis por conduzir as demandas da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt) até 2022 foram empossados em outubro. Rosylane Nascimento das Mercês Rocha assumiu a entidade e adiantou que o trabalho será focado numa gestão progressista e transparente, em prol da valorização da especialidade. No evento, realizado na sede da AMB, também foram apresentados os novos conselheiros fiscais, escolhidos por meio de votação pelos médicos.

21 GESTÃO SBA

Augusto Key Karazawa Takaschima (terceiro, da esquerda para a direita), atual diretor financeiro da Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA) e eleito vice-presidente da entidade para o próximo mandato, visitou a AMB para apresentar o programa de gestão da SBA. Participaram do encontro, realizado no início de dezembro, o presidente da AMB, Lincoln Ferreira; o secretário-geral, Antonio Jorge Salomão; e o vice-presidente, Diogo Sampaio.

RG/Timbro



22 HOMENAGEM AOS MÉDICOS

Para marcar o Dia do Médico, comemorado em 18/10, a AMB preparou um vídeo sobre a realidade enfrentada pelos profissionais no Brasil, que aceitam o desafio diário da medicina e fazem da profissão um instrumento de proteção à vida. Foi exibido em uma sessão solene na Câmara dos Deputados, que teve a presença do presidente da AMB, Lincoln Ferreira, e representantes de entidades médicas. Assista ao vídeo na Gaveta do Repórter, utilizando o QR Code.



Reprodução Youtube

23 14º CONGRESSO DA AMMS

Mais de 500 médicos de todo o Brasil foram a Campo Grande para o 14º Congresso da Associação Médica de Mato Grosso do Sul (AMMS), realizado em setembro. Para dar conta da extensa programação de debates sobre temas como psiquiatria, mastologia, neurologia, cirurgia oncológica, medicina do trabalho e pediatria, foram 160 palestrantes, 25 de fora do estado.

O encerramento ficou por conta do presidente da AMB, Lincoln Ferreira, a convite da presidente da AMMS e diretora acadêmica da AMB, Maria José Maldonado, que aparece na foto junto com Fernando Câmara, presidente da Associação Sul Matogrossense de Psiquiatria; João Bosco Wanderley, presidente da Academia de Medicina de Mato Grosso do Sul; e Juberty de Souza, psiquiatra e conselheiro do CRM.



AMMS

Belo Horizonte (MG) recebeu, em outubro, a Assembleia de Delegados e a Assembleia Geral Ordinária da AMB. Além da aprovação da Prestação de Contas do Exercício de 2018, a Assembleia de Delegados aprovou a Ata da Assembleia de Delegados anterior, realizada em 30 de outubro de 2018, as Decisões do Conselho Deliberativo e o Relatório Anual da Diretoria da AMB.

A Assembleia Geral Ordinária também aprovou a Prestação de Contas do Exercício de 2018, conforme parecer do Conselho Fiscal e decisão da Assembleia de Delegados, e a Proposta Orçamentária para o exercício de 2020.

24 ASSEMBLEIAS AMB



RGA/Timbro

25 TROCA DE EXPERIÊNCIAS

No mês de setembro, o XII Congresso da Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro (Somerj) contou com a presença de mais de 60 palestrantes, que abordaram diversos temas nas áreas de clínica médica e cirúrgica.

Como reconhecimento da Somerj pelo apoio da AMB ao movimento associativo em todo o país, o presidente da entidade, Lincoln Ferreira, foi homenageado com a Medalha do Mérito Associativo. Na foto, ele está com Benjamin Baptista de Almeida, presidente da Somerj, e Rômulo Capello Teixeira, secretário-geral da entidade.



SOMERJ



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria.

Use o QR Code ou o link:
<https://l.ead.me/bbLetO>



A FBAM e o ensino médico

A Federação Brasileira de Academias de Medicina (FBAM), entidade civil sem fins lucrativos, fundada em 9 de maio de 1986 na cidade de Fortaleza, é constituída pelas Academias de 21 estados e do Distrito Federal. No milhar de confrades e confradeiras que ocupam as várias cadeiras acadêmicas sediadas em Academias de Medicina que se espalham pelos quatro cantos do país, encontram-se centenas de atuais ou anteriores reitores, diretores de faculdades de medicina, chefes de departamentos e de disciplinas universitárias e docentes dos vários graus da carreira acadêmica, além de outros tantos responsáveis e participantes de serviços não universitários ligados à Residência Médica. Nossa entidade é, assim, sem dúvida, uma das mais capacitadas a tratar do tema ensino médico (EM) em nosso país.

Dessa forma, não é de se estranhar que este tema seja com frequência foco de nossas preocupações.

Assim, o EM foi tema central do I Colóquio Acadêmico realizado em São Paulo em julho de 2017 (cuja conclusão foi publicada como matéria de capa no *Asclépio - Boletim Informativo da Academia de Medicina de São Paulo* n. 19, de março de 2018) e do II Colóquio realizado em Belo Horizonte de 9 a 11 de novembro de 2017, além de constar do programa do III, realizado em João Pessoa de 3 a 5 de outubro deste ano.

Igualmente, nos conclave da FBAM, atividade bienal magna da entidade, se constitui assunto recorrente, tendo sido tratado com destaque em todos os recentes eventos.

Resultou dessas reuniões a aprovação, na Assembleia Geral da FBAM realizada em Cuiabá em 30 de março de 2019, de um documento a respeito do EM que

contém as seguintes recomendações:

- realização de exame ao final do curso de graduação, com nota mínima 6,0 para aprovação;
- permanência dos alunos reprovados na instituição de ensino, em regime de internato, até serem aprovados em exame posterior ou serem jubilados (limite de prestação de três exames);
- não cobrança de mensalidades ou de qualquer outra taxa aos alunos na condição acima;
- impedimento de realização de vestibular, no ano subsequente, à instituição que não tiver pelo menos 60% de seus alunos aprovados no exame;
- publicação dos resultados institucionais.

A discussão de cada um desses itens excede este espaço a nós gentilmente cedido; entretanto, seus objetivos são relativamente claros.

Este documento, nascido no Colóquio de São Paulo e aprovado em Cuiabá em 2019, tem sido referendado em reuniões pontuais com as Academias de Medicina do Paraná, do Rio de Janeiro, de Brasília, de Mato Grosso, de Sergipe e do Ceará, e constitui pauta a ser enviada e discutida com as autoridades competentes do País e com as demais entidades médicas.

Cremos firmemente que o estabelecimento de um sistema de avaliação do ensino médico, se aplicado com isenção e seriedade, sem dúvida, será passo inicial importante para atestarmos a habilitação de nossos futuros médicos e sua capacidade para atuar no sistema de saúde de nosso país.

Prof. Dr. José Roberto S. Baratella

Federação Brasileira de Academias de Medicina
Presidente

Harmonia, proporção e beleza

O que a cirurgia plástica e o cultivo de orquídeas têm em comum? Médicos contam por que cuidar dessas plantas fascinantes faz tão bem

POR **HELVÂNIA FERREIRA**

Ofício: cirurgião plástico. Hobby: orquidófilo. É para as orquídeas que o cirurgião plástico Marcos Crisci corre nas horas vagas, principalmente depois de um dia estressante no trabalho. Ele transformou as quatro varandas do apartamento onde mora, em São Paulo, em um orquidário com mais de mil exemplares. “Eu chego em casa cansado, estressado, gasto 15 minutos para molhar as plantas. É aí que eu descanso, que eu relaxo”, conta.

A paixão pelas orquídeas começou há dez anos. Crisci costumava decorar o consultório com elas e, quando acabava a florada, dava ao zelador do prédio para que as prendesse no tronco das árvores do jardim e da rua. “Vi que depois de três ou quatro meses elas estavam floridas de novo. Pensei: por que não tentar isso nas varandas do meu apartamento para ver se consigo alguma coisa? Comecei a buscar mudas na Ceagesp [Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo], e, assim, iniciei minha coleção.”

Engana-se quem imagina que toda essa quantidade de plantas bagunce a casa. Crisci, que se diz obcecado por organização, garante que essa característica o auxilia tanto na profissão quanto na manutenção do orquidário, porque faz dele um perfeccionista. As plantas estão distribuídas pelas varandas de acordo com as características de cada espécie. Na varanda do quarto dos filhos ficam as que recebem menos água. No quarto do casal, varanda frente leste, onde bate sol até as 10h, ficam as variedades que exigem menos

luz. Na varanda da sala, centenas de vasos, também organizados por espécie e por cor. Quando florescem, ele as leva para dentro de casa para usufruir da beleza da florada e do perfume.

Para o cirurgião, não é difícil estabelecer um paralelo entre o hobby e o ofício: “Em ambas as atividades, eu busco beleza, harmonia, proporção, a combinação perfeita de cor, forma, tamanho”. E faz algumas recomendações para quem quer iniciar na atividade: “Antes de mais nada, pesquise e estude o assunto. É preciso conhecer a origem da planta, qual o clima favorável para cada espécie. Não adianta forçar a planta num habitat que não é o dela. Há orquídeas que dão em pedra, na água, no chão, em tronco de árvore. São peculiaridades que precisam ser respeitadas para que ela vingue”, aconselha.

Outra dica, segundo Crisci, é participar de associações e grupos de orquidófilos. Isso ajuda no acesso à informação e também a obter mudas de qualidade e de boa procedência. Ele participa da Sociedade Bandeirante de Orquídeas, que existe desde 1946 em São Paulo e se reúne semanalmente, todas as terças, às 20h. “Você aprende muito quando participa dessas associações, se aproxima de outros orquidófilos, o que é fundamental.”



PAIXÃO ANTIGA

Quando tinha 11 anos de idade, o cirurgião plástico mineiro Theodoro Gontijo explorava o sítio da família, em Nova Lima, Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi nessas “expedições”, que as crianças adoram fazer quando viajam para o campo, que ele notou quão belas e diferentes eram aquelas flores. Começou ali uma história de amor que já dura mais de 30 anos.

Com um olhar atento, começou a perceber orquídeas por onde passava. Ganhou a primeira muda num estacionamento. Foi quando descobriu que havia uma associação onde poderia aprender mais sobre o assunto. Começou a cultivá-las na varanda de casa na base da tentativa e erro, até que dominou a técnica. Hoje está no seu terceiro orquidário, no sítio em Nova Lima. São mais de dois mil exemplares, divididos em centenas de espécies, mas a preferida é a Cattleya warneri, ameaçada de extinção. Nativa da região de Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia, a planta precisa de um clima de altitude com dias quentes, mas noites mais frias. “Não é uma variedade de clima litorâneo”, já avisa.

Além dos aspectos relacionados à beleza, harmonia e equilíbrio, tão presentes no cotidiano como cirurgião plástico, Gontijo diz que a experiência profissional é de grande valia quanto à questão fitossanitária: “O mesmo nível de cuidado que eu tenho com meus pacientes em termos de esterilização, desinfecção e assepsia, aplico às orquídeas. Isso ajuda a produzir plantas limpas e saudáveis, livres da contaminação por fungos e vírus”, explica.

Todo esse esforço e cuidado é recompensado, na medida em que tanto Marcos Crisci quanto Theodoro Gontijo têm suas orquídeas premiadas e reconhecidas em exposições por todo o país. Veja na Gaveta do Repórter (Qr Code) galeria de fotos de orquídeas dos médicos da matéria e algumas dicas para quem deseje iniciar o cultivo da planta.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://lead.me/bbMOYP>

Brasil à frente da medicina mundial

POR LORRAINE SOUZA

A vasta experiência de Miguel Jorge, diretor da AMB, no associativismo médico o credenciou para assumir a presidência da Associação Médica Mundial (WMA - World Medical Association), cargo que ocupa de forma efetiva desde outubro

A medicina brasileira conquistou mais um lugar de destaque no cenário mundial. O diretor da AMB, Miguel Jorge, assumiu a presidência efetiva da Associação Médica Mundial (WMA - World Medical Association). O médico especialista em psiquiatria ocupará o cargo no biênio 2019/2020, representando mais de 10 milhões de médicos pelo mundo.

O evento de posse aconteceu em 25 de outubro, durante a Assembleia Geral Anual da WMA, realizada em Tbilisi, na Geórgia. Em seu discurso, o presidente empossado destacou a importância da atuação dos médicos na atenção à saúde da população: *“É hora de nos tornarmos protagonistas na atenção à saúde. Um bom médico precisa ser capaz de se colocar no lugar de seus pacientes, tentando sentir como eles se sentem, a fim de entender melhor suas necessidades e fornecer o que eles mais precisam”*.

Desde outubro de 2018, Miguel Jorge já estava atuando como presidente eleito, posição que todo presidente ocupa entre a eleição e a posse efetiva na presidência da entidade.

Miguel Jorge possui longa trajetória no associativismo médico. Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) desde 1986, ele já presidiu a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), foi diretor da Associação Mundial de Psiquiatria, diretor



Miguel Jorge, logo após ter assumido a presidência da WMA.

Arquivo Pessoal

de Relações Internacionais da AMB e membro do Painel de Especialistas em Saúde Mental e Abuso de Substâncias da Organização Mundial da Saúde (OMS).

RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE

Segundo Miguel Jorge, saber ouvir é uma qualidade que bons médicos possuem. Para ele, o paciente precisa ser ouvido e merece essa atenção. Atento a essa premissa, o presidente eleito da WMA vai enfatizar a relação médico-paciente enquanto estiver à frente da entidade. *“Essa relação vem sofrendo em função de muitos fatores relativos às más condições de trabalho e às inovações tecnológicas que, muitas vezes, acabam ganhando mais atenção do médico do que o próprio paciente. A medicina é uma ciência e também uma arte. Um médico experiente deve conciliar excelência técnica, conhecimento científico, respeito pela dignidade humana e compaixão, visando o bem-estar do paciente.”*

Para Miguel Jorge, a formação dos médicos também é um fator que merece atenção. Em todo o Brasil tem sido autorizada a abertura indiscriminada de escolas de medicina sem a menor estrutura. *“Se esta lástima continuar, enquanto governos estão de braços cruzados, seguiremos com a certeza de que a qualidade do serviço que o médico tem para oferecer decairá nos próximos anos”*, alerta.

O presidente da WMA destaca que a relação médico-paciente deve ser trabalhada desde a formação acadêmica. *“A criação de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e promoção de empatia é fundamental para a formação médica, tanto no cenário da assistência primária ao paciente, na medicina familiar e comunitária, como em ambientes hospitalares, uma vez que são conhecimentos transversais”*, avalia.

O presidente da AMB, Lincoln Ferreira, comemora a ascensão de um brasileiro à presidência da WMA e reforça que a conquista é fruto de dedicação e atuação ética na promoção da saúde. *“Os médicos brasileiros têm muito a acrescentar à saúde mundial. Parabéns ao nosso diretor, Miguel Jorge, e coloco a AMB em absoluta sintonia com a WMA para que atuem juntos na construção de uma classe médica que trabalhe de forma ética, segura e com extrema qualidade”*, enfatiza.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://lead.me/bbMDSs>

Representantes de entidades médicas nacionais reunidos antes da assembleia da WMA que deu posse a Miguel Jorge, em Tbilisi, na Geórgia.



ESPÍRITO SANTO

A sociedade médica mais antiga do Espírito Santo completa 96 anos em 10 de janeiro. Em 2020, a Ames vai ter ainda mais motivos para comemorar, já que inaugurou recentemente a nova sede em Vitória (ES). É no novo auditório, inclusive, que a entidade vai continuar realizando os congressos, jornadas científicas e acadêmicas para disseminar conteúdos relevantes para médicos e estudantes, característica marcante da Ames.



MINAS GERAIS

No dia 19 de janeiro, quem completa mais um ano é a Associação Médica de Minas Gerais (AMMG). A entidade chega aos 74 anos com pilares claros: favorecer o desempenho profissional e privilegiar o aprimoramento científico e a capacitação do médico mineiro. A AMMG segue investindo em educação continuada, na ampliação dos serviços oferecidos aos associados e na presença constante junto às filiadas em todas as regiões do estado.



PERNAMBUCO

A Associação Médica de Pernambuco e a Associação Nacional dos Médicos Residentes (ANMR) realizam, nos dias 17 e 18 de janeiro, em Recife (PE), o 53º Congresso Nacional do Médico Residente, o 4º Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina e o 3º Congresso Pernambucano do Médico Residente.

O último congresso nacional foi realizado em Florianópolis/SC e reuniu centenas de participantes. Os detalhes e a programação dos eventos podem ser obtidos no site <https://doity.com.br/53cnmr>.



40 anos SBI

A Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) foi fundada em 1980 para promover o desenvolvimento da especialidade no Brasil. A entidade, que faz aniversário em 30 de janeiro, se dedica ao incentivo à prevenção, diagnóstico, tratamento e cura das doenças infecciosas e tem como base o fomento ao intercâmbio científico, técnico, cultural e social entre seus associados e profissionais da área. Outro pilar da SBI é contribuir com o aperfeiçoamento profissional dos infectologistas, por meio da promoção de atividades de atualização de conhecimentos.



Congresso Brasileiro

Florianópolis vai sediar a 23ª edição do Congresso Brasileiro de Mastologia. O encontro, realizado pela Sociedade Brasileira de Mastologia, será realizado somente em abril (de 1 a 4), mas programe-se: as inscrições já estão abertas. A programação foi pensada para privilegiar os assuntos do cotidiano do mastologista, relacionados a áreas como radiologia, oncologia, patologia, cirurgia, radioterapia e genética.

Seis palestrantes internacionais já estão confirmados: Mario Rietjens, do México; Michael Alvarado, Christopher Comstock, Lisa Newman, Abram Recht e Monica Morrow, todos dos Estados Unidos. As inscrições podem ser feitas pelo site <http://mastologia2020.com.br/>



Sava

Estão abertas as inscrições para o curso de Suporte Avançado de Vida em Anestesia (Sava), da Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA). O curso, que será realizado nos dias 29 de fevereiro e 1º de março, em São Paulo, é coordenado pelo médico Antônio Carlos Aguiar Brandão e é um projeto educacional para qualificação em prevenção, diagnóstico e tratamento de situações críticas em anestesia.

Inscrições: <https://www.sbahq.org/curso-sava/>

Habilitação agora é digital

POR GABRIELA COSTA

O processo de obtenção dos certificados de habilitação da AMB está mais simples e rápido. O fluxo de emissão foi revisado e reorganizado para dar maior dinamicidade ao processo e agora passa a ser digital. Para garantir mais segurança, os certificados também passam a contar com autenticação eletrônica.

A habilitação certifica que o médico especialista possui um conjunto de conhecimentos teóricos e habilidades práticas específicas relacionadas a uma ou mais áreas de atuação ou especialidade médica, como explica Diogo Leite Sampaio, vice-presidente da AMB e presidente da Comissão de Ensino Médico e Pós-Graduação da entidade: *“É uma área de conhecimento médico bastante específica, muitas vezes relacionada ao tratamento de uma doença ou a algum procedimento. O especialista realiza um curso de formação, passa por uma avaliação e é certificado pela AMB. Desenvolvemos mecanismos para agilizar a emissão do título e torná-la mais simples para as Sociedades de Especialidade”,* destaca.

CRITÉRIOS

Para que uma habilitação seja reconhecida, é preciso que uma Sociedade de Especialidade encaminhe para a Secretaria da AMB o embasamento técnico que justifique a necessidade de certificar aquela determinada habilitação. Além disso, é necessário fazer parte de uma matriz de competências aprovada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) e reunir os conhecimentos e habilidades técnicas que definem um núcleo de atuação restrito.

RGA/Timbro



De acordo com o novo fluxograma do processo criado pela AMB, cada habilitação vai contar com especialidades médicas ou áreas de atuação consideradas como pré-requisito e a lista de Sociedades autorizadas a realizar os cursos, que devem ter, no mínimo, 24 horas de duração e uma avaliação final. Os alunos que obtiverem 70% de acerto serão considerados aprovados.

A AMB vai publicar regularmente portaria contendo a lista de habilitações reconhecidas pela entidade, que serão integradas à Câmara Técnica sobre Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos (CBHPM) para passar por um processo de avaliação e posterior incorporação à tabela de procedimentos médicos. A primeira portaria pode ser acessada pelo QRCode no final desta matéria ou diretamente no site da AMB.

FIQUE ATENTO!

Os certificados de habilitação emitidos antes de 5 de junho de 2019, data da publicação da portaria da AMB contendo as novas diretrizes, devem ser revalidados.

As Sociedades de Especialidade precisam enviar a lista de médicos certificados e as habilitações. A partir de 1º de fevereiro de 2020, os médicos poderão solicitar à AMB a reemissão dos certificados de forma gratuita.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria.
Use o QR Code ou o link:
<https://l.ead.me/bbM0wH>

Novas tecnologias na medicina

Fórum AMB de Saúde Digital discutirá as inovações tecnológicas que têm transformado a medicina e debaterá sobre a melhor forma de usá-las para elevar a qualidade do atendimento, preservando a relação médico-paciente

POR LORRAINE SOUZA

Os avanços tecnológicos na medicina facilitam diagnósticos de doenças, tornam os tratamentos mais eficientes e melhoram o compartilhamento de dados para permitir a identificação de surtos ou epidemias. Entretanto, a utilização de tecnologias ainda mais novas, de forma não planejada e ética, pode colocar em risco a relação médico-paciente, eixo central de uma medicina de qualidade.

“A tecnologia tem que ser usada para ajudar a medicina a solucionar os problemas atuais. Não podemos permitir que, por ambições financeiras, seja utilizada de forma que piore ainda mais o que já não está bom ou crie novos problemas”, alerta o vice-presidente da AMB e presidente da Comissão de Educação e Pós-Graduação da entidade, Diogo Sampaio. “É certo que o relacionamento presencial continuará sendo imprescindível para o desempenho da atividade médica de forma excelente”, conclui Diogo.



A criação de regras para o uso dessas tecnologias no cotidiano da medicina será o centro das discussões do Fórum AMB de Saúde Digital, que será realizado em dois dias (maio/2020), na capital paulista, e contará

com reunião especial do Conselho Científico da AMB para deliberações sobre o tema.

O encontro vai reunir médicos, representantes de Sociedades de Especialidade, profissionais das áreas ligadas à tecnologia e órgãos governamentais para debater os avanços tecnológicos recentes e como aplicá-los no contexto da atividade médica. *“Nossa intenção é terminar o encontro com uma reunião do Conselho Científico da AMB, que vai definir a posição oficial da entidade sobre o uso da tecnologia na saúde, o que inclui telemedicina”, explica Lincoln Ferreira, presidente da AMB.*

O presidente da Comissão de Saúde Digital da AMB, Florentino Cardoso, chama a atenção ainda para a necessidade de educar os futuros médicos sobre saúde digital. *“Só vamos ter avanços reais quando colocarmos o ensino sobre o assunto na universidade para que o aluno saia com uma formação, não com um treinamento. Saúde digital é uma questão cultural e cultura não se muda por decreto, mas por meio da educação”, avalia.*

DEBATE FORTALECIDO

Em fevereiro de 2019, a AMB atuou firme para revogar a Resolução CFM nº. 2.227/2018, que dava nova redação à regulamentação da telemedicina no Brasil, por entender que era necessário ampliar o debate sobre o assunto. O Fórum AMB de Saúde Digital vai possibilitar a construção de novas diretrizes.

O Futuro da Humanidade

POR RODRIGO AGUIAR

Mais de 50 acadêmicos de medicina subiram ao palco, em Aracaju (SE), para falar de temas éticos importantes para a classe, como a relação médico-paciente. Pela trama, a ópera encenada pelos estudantes poderia se chamar *O Futuro da Medicina*, mas ficou mesmo como *O Futuro da Humanidade*, nome do livro que inspirou o texto. O pontapé inicial da história são as primeiras aulas de anatomia de calouros de um curso de medicina, quando encaram um cadáver pela primeira vez.

Para um dos personagens, o fascínio pela forma e estruturas do corpo humano logo dá lugar a uma curiosidade sem fim pela identidade verdadeira daquela pessoa, cujo corpo há anos é objeto de estudo e ferramenta de ensino para os futuros médicos. “É curioso que os ensinamentos da profissão que têm como objetivo garantir a vida comecem justamente pela análise daquilo que vida não tem”, comentou um dos espectadores que foi ao Teatro Atheneu, no centro de Aracaju, local que já recebeu grandes espetáculos da dramaturgia nacional.

O enredo da peça se desenvolve em torno da busca do futuro médico por elementos que ajudem o defunto antes de ser o cadáver da escola de medicina,

provocando nos demais personagens e na plateia diversas reflexões sobre a profissão e até mesmo sobre a vida.

Do texto aos figurinos. Da pré-produção à iluminação, passando pelos ensaios até chegar à maquiagem, minutos antes de as cortinas se abrirem. “Toda produção aqui é por conta deles. O que der certo ou errado é por conta deles”, brinca Aderval Aragão, presidente da Federada da AMB em Sergipe (SomeSE) e idealizador da iniciativa que chegou à sexta edição em 2019. “É um momento em que eles interagem, aprendem a trabalhar em conjunto, desenvolvendo assim competências que serão importantes para toda a vida profissional. Enfim, acabaram usando a peça como uma ferramenta de ensino-aprendizado”, explica Aragão, que também é professor de anatomia dos alunos da Universidade Federal de Sergipe (UFS) que participaram do espetáculo.

Para o estudante Rafael Melo, é uma experiência inusitada: “Não se espera isso no primeiro semestre de uma faculdade de medicina. Atuar nos colocou em contato com assuntos que dificilmente a gente trabalharia em sala de aula.”



Leonardo Vilas Boas

Bento Fonseca, calouro do curso de medicina, conta que um dos fatores mais importantes da peça é a empatia. “Com essa iniciativa aprendemos a olhar com outros olhos para as pessoas, principalmente para aquelas mais carentes. Nos sentimos parte de uma ação nobre.” Já para Lu-

cas Costa, o destaque é o trabalho em equipe. “Pude conhecer melhor a minha turma, que é composta por 50 pessoas. Conseguimos interagir com cada um e saber que futuramente trabalharemos em equipe, mas como médicos”, explica o estudante.

A ação rende frutos sociais, pois para assistir à *O Futuro da Humanidade* bastava levar dois quilos de alimentos não perecíveis. Quase uma tonelada foi doada para três instituições assistenciais de Aracaju que ajudam pessoas com câncer, como o Movimento Mulheres do Peito. “Somos gratas por todas as doações e nos sentimos muito honradas pelo convite. Esses alunos apresentaram uma lição primorosa de humanização e sensibilidade”, declarou Sheyla Galba, representante do movimento.

DESTAQUE NA MÍDIA



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.ead.me/bbM2Ph>

Mídia local deu amplo destaque para o espetáculo, inclusive com matéria de quatro minutos, ao vivo, no jornal matutino local da TV Globo.



Saúde para o Brasil profundo

Criado para preencher as lacunas deixadas pelo fracassado Mais Médicos, o programa Médicos pelo Brasil pode representar um avanço para a saúde primária

POR GABRIELA COSTA



"Ainda não chegamos ao modelo ideal, que seria a carreira de Médico de Estado, mas estamos avançando na direção correta ao garantir o mínimo de estabilidade profissional aos médicos", analisa Lincoln Ferreira, presidente da AMB, que participou do evento de lançamento do programa no Palácio do Planalto.



Da esquerda para a direita: Raul Cutait (Academia Nacional de Medicina), Mauro Ribeiro (CFM), Luiz Henrique Mandetta (Ministério da Saúde), Jair Bolsonaro (Presidente da República), Lincoln Ferreira (AMB), Alberto Beltrame (Secretaria de Saúde do Pará) e Wilames Freire Bezerra (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde).

Não há como falar do Médicos pelo Brasil, programa lançado em agosto pelo governo federal, sem relembrar o rastro de problemas mal resolvidos deixados pelo Mais Médicos. O antigo programa alimentou a ilusão de que o atendimento médico chegaria a lugares carentes e remotos quando, na verdade, só serviu para fins eleitoreiros e como forma de ajudar financeiramente o governo de Cuba, aliado ideológico dos governos anteriores.

Com uma proposta mais estruturada e comprometida com a qualidade do atendimento, o Médicos pelo Brasil tem potencial para se configurar como um avanço histórico para a saúde no País.

A ideia é ampliar a oferta de serviços médicos em locais de difícil provimento ou de alta vulnerabilidade, além de formar médicos especialistas em Medicina de Família e Comunidade. Ao todo, estão previstas 18 mil vagas, 13 mil em municípios carentes. Nas regiões Norte e Nordeste ficarão 55% desses postos.

HABILIDADES COMPROVADAS

O Médicos pelo Brasil representa uma segurança importante para a qualidade do atendimento médico: a necessidade de ter registro válido no Conselho Regional de Medicina (CRM) para integrar o programa. Este foi um compromisso reforçado pelo presidente da República Jair Bolsonaro e pelo ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em reunião com a AMB antes do evento oficial de lançamento do programa.

"É preciso valorizar o exame Revalida e fortalecê-lo para termos a real noção sobre quem realmente está apto para a prática da medicina de forma ética e responsável. Os problemas deixados pelo Mais Médicos em relação aos cubanos devem ser solucionados na esfera humanitária, fora das resoluções sobre as políticas de saúde no Brasil", avalia Diogo Leite Sampaio, vice-presidente da AMB.

CONHECIMENTO RECONHECIDO

Ao contrário do Mais Médicos, que tinha processos de seleção e vínculos profissionais frágeis e com pouca segurança aos integrantes, o Médicos pelo Brasil

prevê contratações via CLT, depois de dois anos de especialização em Medicina de Família e Comunidade.

"O programa oferece estratégias de permanência dos profissionais nos municípios, por meio de contratação federal com plano de progressão salarial por tempo de participação", destaca o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

O salário base inicial será de R\$ 12 mil mensais, mais gratificações para locais remotos que podem fazer o vencimento final chegar a R\$ 31 mil. O programa propõe a estratificação do Brasil em regiões, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Ainda não chegamos ao modelo ideal, que seria a carreira de Médico de Estado, mas estamos avançando na direção correta ao garantir o mínimo de estabilidade profissional aos médicos, sem que eles fiquem reféns das incertezas dos governos municipais. A AMB sempre defendeu que não faltavam médicos no Brasil. A carência era de vínculos seguros e condições dignas de prática da medicina", destaca Lincoln Ferreira, presidente da entidade.

Criado como Medida Provisória, o Médicos pelo Brasil sofreu algumas modificações críticas em sua tramitação pelo Congresso, quando vários "jabutis" foram inseridos. A integridade do programa depende de que os vetos feitos pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, publicados no D.O.U. de 20/12/2019 sejam mantidos pelo Congresso Nacional.



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://lead.me/bbLesW>



VS.



Processo seletivo

inscrição on-line, sem entrevistas ou avaliações

processo baseado em critérios técnicos

Quem pode participar

brasileiros ou estrangeiros, sem necessidade de revalidação

médicos com registro no Conselho Regional de Medicina

Vagas em áreas prioritárias

5 mil

13 mil

Formação

sem exigência de formação em especialidades específicas

especialistas em Medicina de Família e Comunidade

Regime de contratação

bolsa do governo federal e ajuda de custo

bolsa-formação nos dois primeiros anos, depois CLT e progressão de carreira

Salário

R\$ 10 mil, mas 70% ficavam retidos com o governo cubano e Opas

pode chegar a R\$ 31 mil, de acordo com a localidade

Municípios atendidos

2.824, no edital de 2018

3.400 (previsão)

Evali já tem casos confirmados no Brasil

POR LORRAINE SOUZA E CELINA LOPES

A doença causada pelo uso de cigarros eletrônicos, que já registrou 2.291 casos nos Estados Unidos, com 52 mortes em cinco meses, começa a ser identificada no Brasil. Embora até agora só existam três casos confirmados no país, acredita-se que haja subnotificação da doença, por falta de conhecimento específico para diagnosticar as ocorrências. Há grande preocupação na saúde, pois apesar de proibida a venda dos dispositivos, eles são encontrados com facilidade e seu uso tem sido disseminado principalmente entre jovens, graças às estratégias agressivas da indústria com a promoção dos novos produtos, como os cigarros eletrônicos, tabaco aquecido e vaporizadores, sempre difundindo um pressuposto: o do risco reduzido.

“Não existe risco reduzido quando o assunto é tabagismo”, alertou Alberto Araújo, presidente da Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB, em um recente evento da revista *Época*, com o tema “Novos produtos do tabaco – existe alternativa segura de redução de danos à saúde?”. Representantes da indústria tabagista, que patrocinava o evento, não conseguiram combater os argumentos levantados por Alberto, que é médico pneumologista do Núcleo de Estudos e Tratamento do Tabagismo - NETT - IDT/UFRJ e membro da Comissão de Drogas Lícitas & Ilícitas do CFM. Lincoln Ferreira, presidente da AMB, lembra que “a postura da AMB é de ocupar esses espaços de discussão para poder promover o contraditório em relação ao que a indústria tem divulgado para a sedução de novos consumidores”.

Com o intuito de esclarecer os médicos, profissionais de saúde e o público em geral, a Comissão de Tabagismo da AMB elaborou um documento com Perguntas & Respostas sobre os riscos advindos do uso dos dispositivos eletrônicos para fumar (cigarros eletrônicos e produtos para vaporização). O *fact sheet* será o primeiro de uma série que os membros da Comissão irão elaborar sobre os riscos do consumo dos diversos tipos de tabaco. Essa iniciativa conta também com a parceria da Fundação do Câncer e da Aliança de Controle do Tabagismo e Promoção da Saúde.

“Cigarro eletrônico nada mais é que uma nova versão do cigarro antigo com a tecnologia incorporada, mas com a intenção de vender a mesma droga: a nicotina, que é altamente viciante. Consumida via os novos dispositivos, o impacto na saúde é ainda mais intenso do que via os cigarros tradicionais. Ao inovar para atrair o público jovem, a indústria tabagista aumenta as chances de este público se tornar fumante de cigarros tradicionais quando adulto”, complementou Araújo.

A proibição da comercialização de cigarros eletrônicos pela Anvisa, há dez anos, evitou o consumo do produto, e não existe comprovação de que possam auxiliar no tratamento do tabagismo, um dos argumentos utilizados pelos fabricantes. “Não há nenhum sentido usar o próprio cigarro para combater outro tipo de cigarro. Os dispositivos eletrônicos representam alto risco, especialmente para crianças, adolescentes e adultos jovens”, enfatizou Alberto.



Alberto Araújo, presidente da Comissão de Combate ao Tabagismo, e Analucia Saraiva, gerente sênior de Relações Científicas da Souza Cruz, durante debate sobre a regulamentação do cigarro eletrônico.

Essa nova ofensiva de marketing e vendas da indústria tabagista, se tiver êxito, colocará em risco as conquistas expressivas no combate ao fumo no Brasil, onde o número de fumantes caiu 40% nos últimos 12 anos, conforme pesquisa Vigitel-Brasil 2018. “É necessário esclarecer a população sobre os malefícios à saúde causados por todos os tipos de tabaco, em especial as novas modalidades oferecidas pela indústria que, de forma enganosa e sem base científica, divulgam como sendo de ‘risco reduzido’”, afirma Diogo Sampaio, vice-presidente da AMB.

Uma das estratégias educativas da Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB é manter um diálogo amplo com a mídia. Lincoln Ferreira, presidente da entidade, destaca que a prevenção do tabagismo é multifatorial e precisa ter ecos na sociedade, nas escolas e, principalmente, em casa, entre as famílias: “A indústria do tabaco continua empregando várias estratégias com o intuito de captar novos usuários, principalmente adolescentes. Cigarros com sabor e cigarros eletrônicos são exemplos disso. Portanto, além de reforçar os cuidados em saúde para aqueles que já são dependentes, ações que incentivam a largar o vício são imprescindíveis para mudar essa realidade no país”, afirma.

Para frear o avanço no Brasil de dispositivos eletrônicos para consumo de nicotina, a AMB também tem estado presente em diálogos com os órgãos reguladores. Em agosto, Stella Martins participou de duas audiências com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para falar sobre a comercialização dos e-cigarros no país. Nos encontros, Stella pontuou os riscos que o uso dos dispositivos traz para a saúde dos usuários, além de reforçar o impacto negativo que a liberação da comercialização de e-cigarro traria para o combate ao tabagismo no Brasil.



GRAU DE DEPENDÊNCIA NUNCA VISTO ANTES

Nas entrevistas à imprensa, Stella Martins, integrante da Comissão da AMB, busca sempre destacar os malefícios do uso desses dispositivos, que são anunciados como “ferramentas” para ajudar a largar o cigarro convencional. “Este mercado possui um único

propósito que é incentivar adultos a manterem o vício e milhões de jovens a se tornarem tabagistas num grau de dependência nunca visto antes pelos médicos, segundo relato de pacientes e familiares. Temos que encorajar os usuários a largar o vício, e não a trocar seis por meia dúzia”, alerta Stella.

40 ANOS DE LUTA CONTRA O TABAGISMO

O oncologista Antônio Pedro Mirra é um exemplo de dedicação no combate ao tabagismo. Por isso, ele foi homenageado pela Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB, que fundou há 40 anos e presidiu até 2018. Mirra foi um dos pioneiros nessa luta e responsável, em 1979, pelo lançamento do Programa Nacional contra o Fumo da AMB, que foi modelo para o Ministério da Saúde, em 1985, estruturar o programa nacional. Ele encabeçou diversas estratégias visando um mundo livre de tabaco, cigarros eletrônicos e vaporizadores.

O presidente da AMB, Lincoln Ferreira, destaca que “são profissionais como Mirra que, com sua inestimável contribuição, fizeram do programa de controle do tabagismo do Brasil um dos mais avançados do mundo, resultado de um trabalho sério nas áreas de controle, prevenção, diagnóstico e tratamento do tabagismo”.

COMBATE AO TABAGISMO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Agosto foi um mês marcante para a Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB, que completou 40 anos de contribuições para o desenvolvimento de iniciativas antitabagistas no Brasil. Os maiores desafios da atualidade são os dispositivos eletrônicos para fumar, que causam dependência e representam alto risco para a saúde.

ALERTA ANVISA SOBRE A EVALI

A Gerência Geral de Produtos de Tabaco (GGTAB) da Anvisa emitiu um alerta solicitando que médicos e instituições de saúde do Brasil enviem à agência relatos de casos de pacientes relacionados ao uso de cigarros eletrônicos. Para a Anvisa, esta ação deve reduzir os riscos de que aconteça no Brasil um surto da doença pulmonar Evali como o enfrentado pelos EUA. Os casos suspeitos e o detalhamento dos tratamentos utilizados devem ser notificados por meio de um formulário eletrônico específico que será disponibilizado pela Gerência Geral de Controle do Tabaco da Anvisa. A elaboração desse formulário contou com a parceria da Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB. Confira o documento na Gaveta do Repórter utilizando o QRcode.



Arquivo Pessoal



+ SOBRE

Acesse a Gaveta do Repórter e veja mais conteúdos sobre o tema desta matéria. Use o QR Code ou o link: <https://l.ead.me/bbM0cA>

AMB SEMPRE FOI CONTRA O REVALIDA LIGHT



A revalidação diplomas de egressos de cursos de medicina do exterior sem que haja garantias de que o futuro médico realmente tenha condições técnicas para atuar como médico trará grandes prejuízos. Principalmente os formados em escolas que não são habilitadas pelos governos locais.

Para alertar e esclarecer isso à classe política e ao público em geral, a AMB publicou nota no Jornal O Estado de São Paulo (Estadão) e Correio Braziliense.

Felizmente, o presidente Jair Bolsonaro nos ouviu. Agora esperamos que o Congresso Nacional faça o mesmo e mantenha os vetos presidenciais leis 13.958/2019 e 13.959/2019.

Confira a nota divulgada acessando o QR Code.



<https://l.lead.me/bbLSRG>

TÍTULOS DE ESPECIALISTA DA AMB

DESDE 1958, A AMB CONCEDE TÍTULOS DE ESPECIALISTA AOS MÉDICOS APROVADOS EM RIGOROSAS AVALIAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS.

POSSUIR TÍTULO DE ESPECIALISTA E/OU CERTIFICADO DE ÁREA DE ATUAÇÃO EMITIDO PELA AMB É UM DIFERENCIAL NA CARREIRA DE UM MÉDICO.

REGISTRAR ESSE TÍTULO JUNTO AO CRM PERMITE PUBLICAR E ANUNCIAR QUE É DE FATO ESPECIALISTA.

SE JÁ FOI
APROVADO,
SOLICITE SEU
TÍTULO.

Acompanhe as datas das provas pelo site da AMB:
<https://amb.org.br/titulos-de-especialidade/>

